



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA PROFHISTÓRIA – MESTRADO PROFISSIONAL

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - FEB:
EM BUSCA DOS "PRACINHAS" NEGROS NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA.
(1944-1945)

CUIABÁ
2021

ADÃO SILVIO DOS SANTOS

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - FEB: EM BUSCA DOS
"PRACINHAS" NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA.
(1944-1945)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso – como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Thais do Amaral
Cezósimo Gomes

**CUIABÁ
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S237f SANTOS, ADÃO SILVIO DOS.
A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - FEB: EM
BUSCA DOS "PRACINHAS" NEGROS NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA. (1944-1945) / ADÃO SILVIO DOS
SANTOS. -- 2021
107 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de
Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino
de História, Cuiabá, 2021.
Inclui bibliografia.

1. FEB. 2. Pracinhas Negros. 3. Livros Didáticos. 4. Segunda
Guerra Mundial. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: A Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: em busca dos “pracinhas” negros nos livros didáticos de História. (1944-1945)

AUTOR (A): MESTRANDO (A) **Adão Silvio dos Santos**

Dissertação defendida e aprovada em 29 de novembro de 2021.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. PROFA. DRA. CRISTIANE THAIS CERZÓSIMO GOMES (ORIENTADOR)
2. PROF. DR. MARCELO FRONZA (MEMBRO INTERNO)
3. PROFA. DRA. JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA (MEMBRO EXTERNO)
4. PROF. DR. OSVALDO RODRIGUES JUNIOR (SUPLENTE)

CUIABÁ, 29/11/2021.



Documento assinado eletronicamente por **OSVALDO RODRIGUES JUNIOR, Coordenador(a) do Mestrado Profissional em História - IGHD/UFMT**, em 29/11/2021, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANE THAIS DO AMARAL CERZOSIMO GOMES, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 29/11/2021, às 22:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA, Usuário Externo**, em 30/11/2021, às 00:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4215301** e o código CRC **B996E880**.

Referência: Processo nº 23108.095988/2021-17

SEI nº 4215301

Criado por 33401490893, versão 2 por 33401490893 em 29/11/2021 18:27:40.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me é o único conhecedor das minhas angústias e anseios mais profundos, que nunca tem deixado de ser minha fonte de inspiração e que através de minha fé, tem me abençoado com tudo que me é necessário.

À minha turma do PROFHISTÓRIA da UFMT, pelos momentos incríveis, pelas incontáveis demonstrações de companheirismo, fraternidade e boa vontade que nos permitiram ajudar uns aos outros nessa caminhada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes, pessoa muito querida e que com sua paciência, incentivo, me conduziu durante todo o trabalho sem em nenhum momento me deixar sem palavras de encorajamento e calma.

À banca de qualificação por todo seu empenho e minuciosidade demonstrada, pelas indicações de leitura e apontamentos que tanto contribuíram para este trabalho.

A todos os docentes que passaram pela da minha vida, que acreditaram em mim, e me passando muito mais que conhecimento, mas também valores e exemplos, que me ajudaram a seguir pelo caminho correto e me permitiram a realização deste feito. Nada seria se não fosse a dedicação de vocês.

A professora Mestra Caroline Martins Ojeda que me forneceu material valioso que foi obtido à custa de muito trabalho e permitiu que fosse utilizado nesta dissertação.

À coordenação do ProfHistória – núcleo da UFMT/Cuiabá, que tanto fez para que todos os discentes do curso se sentissem sempre acolhidos e que em suas aulas sempre se manteve demonstrou a sua tradicional firmeza e amor pelos alunos.

À minha família pelo apoio e incentivo, pela insistência em me fazer acordar sempre cedo para chegar à escola e por ter sempre inculcido em mim a importância dos estudos.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa desenvolve um estudo sobre a Força Expedicionária Brasileira, conhecida pela sigla FEB, a expedição militar organizada pelo Brasil, com apoio dos Estados Unidos da América, para lutar no final da Segunda Guerra Mundial, nos campos de batalha na Itália, no período de 1944 a 1945. A partir da análise bibliográfica e depoimentos de pracinhas mato-grossenses que participaram desse conflito na Itália, no período de 1944 a 1945, foi possível sondar suas interações e experiências com a população italiana nesse período em estudo. Além disso, realiza uma análise em alguns livros didáticos de História do Ensino Fundamental e Médio, com o objetivo de observar a participação dos pracinhas brasileiros, buscando essencialmente a presença de ex-combatentes negros que compunham as fileiras da Força Expedicionária Brasileira - FEB. Como produto, exigido pelo Mestrado Profissional em História – PROFHISTÓRIA, foi elaborado um aplicativo para celular para servir de recurso didático-pedagógico para auxiliar os professores em sala de aula e outras atividades extras, contendo a história e imagens sobre a FEB e a atuação dos pracinhas negros na Segunda Guerra Mundial.

Palavras chaves: FEB; Pracinhas Negros; Livros didáticos; Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The present research work formulated a study on the Brazilian Expeditionary Force, known by the acronym FEB, the military expedition organized by Brazil, with the support of the United States of America, to fight at the end of World War II, in the battlefields of Italy, from 1944 to 1945. Based on the bibliographical analysis and testimonies of small towns from Mato Grosso who participated in this conflict in Italy, from 1944 to 1945, it was possible to probe their interactions and experiences with the Italian population during this period under study. In addition, it carries out an analysis of textbooks on History of Elementary and High School, with the objective of observing the participation of Brazilian practitioners, essentially seeking the presence of black ex-combatants who made up the ranks of the Brazilian Expeditionary Force - FEB. As a product, required by the Professional Master's Degree in History - PROFHISTÓRIA, a mobile application was developed to serve as a didactic-pedagogical resource to help teachers in the classroom and other extra activities, containing the history and images about the FEB and the performance of practitioners blacks in World War II.

Keywords: FEB; Black Squares; Didatic Books; Second World War.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. LISTA DE QUADROS | 8 |
| 2. LISTA DE IMAGENS | 9 |
| 3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 10 |
| 4. CAPÍTULO I - A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRIA – FEB: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS EX-COMBATENTES EM SOLO ITALIANO..... | 20 |
| 5. CAPÍTULO II - EM BUSCA DOS “PRACINHAS” NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS..... | 45 |
| 6. CAPÍTULO III - HISTÓRIA E IMAGENS DOS PRACINHAS BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM APLICATIVO PARA CELULAR COMO FERRAMENTE PEDAGÓGICA PARA PROFESSORES DE HISTÓRIA..... | 76 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 81 |
| 8. BIBLIOGRAFIA | 100 |
| 9. FONTES | 104 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Foto atual da Piazza Brasile, na comuna de Montese, na Itália, em homenagem aos soldados brasileiros. | 24 |
| Figura 2: Blindado adentrando as ruínas de Montese, no final da Segunda Guerra Mundial. | 24 |
| Figura 3: Detalhe de um mostruário do FEB no Museu Histórico de Montese, contendo uma espada, um planfeto, o símbolo da FEB, bem como outros equipamentos alusivos aos soldados brasileiros. | 25 |
| Figura 4: SÍMBOLO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. | 36 |
| Figura 5 - Soldado brasileiro estampado em edição do jornal Cruzeiro do Sul. ..Erro! Indicador não definido. | |
| Figura 6: Soldados da FEB sendo saudados por moradores de Massarosa, Itália, 1944. | 44 |
| Figura 7: Mapa do roteiro da FEB na campanha da Itália (1944-1945). | 46 |
| Figura 8: Soldados Brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, Itália, setembro de 1944. ... | 59 |
| Figura 9: Sergio Gomes Pereira, veterano da Segunda Guerra Mundial, aponta para as fotos da Força Expedicionária Brasileira durante a campanha na Itália. Rio de Janeiro, foto de 2005. ... | 61 |
| Figura 10: Apêndice do livro III do ensino fundamental focado na FEB Fonte: CAMPOS, Flavio, História: Escola e democracia, 2018. | 65 |
| Figura 11: Imagem do livro I do Ensino Médio ilustrando um pracinha com duas crianças italianas. Fonte: Vicentino, Cláudio. História geral e do Brasil, 2013. | 70 |
| Figura 12: Oficiais brasileiros acompanhando o trabalho da FEB no campo de batalha em território italiano. Fonte: Vicentino, Cláudio. História geral e do Brasil, 2013. | 71 |
| Figura 13: Imagem do livro II do Ensino Médio onde estão representados pracinhas se despedindo de suas famílias antes do embarque para a Itália. Fonte: Azevedo, Gislane Campos, História em movimento, 2013. | 76 |
| Figura 14: QR code para acessar o aplicativo. | 86 |
| Figura 15 - Página principal do Aplicativo. | 87 |
| Imagem 16 - Conteúdo da Aba I. | 88 |
| Imagem 17: Aba 2 - Negros na FEB. | 90 |
| Imagem 18: Aba 3 - Pracinhas Mato-grossenses. | 91 |
| Imagem 19: Aba 4 - Referências a FEB. | 92 |
| Imagem 20: Aba 5 - Vídeos sobre a FEB. | 93 |
| Figura 21: Aba 6 - Imagens da FEB. | 94 |
| Figura 22: Crianças italianas homenageando os soldados brasileiro da FEB na cidade de Montese. | 97 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Informações sobre ex-combatentes mato-grossenses entrevistados por Caroline Martins Ojeda, no período de 2013 a 2014, segundo o nome, idade, data da entrevista, naturalidade e profissão na época de sua integração na FEB. | 28 |
| Tabela 2 – Livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio analisados para compor o trabalho de pesquisa sobre os pracinhas e a Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. | 56 |
| Quadro 3: Itens a serem buscados sobre a FEB e os pracinhas negros nos livros didáticos | 57 |
| Quadro 4: Instrumento de pesquisa e análise dos livros didáticos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. | 79 |
| Quadro 5: Guia de abas do aplicativo da FEB. | 87 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como aluno oriundo de escola pública tive a oportunidade de conhecer vários recursos didático-pedagógicos que permearam a educação na segunda metade da década de 1990 e primeira década de 2000, como o antigo mimeógrafo, quadros de giz, papel carbono e os livros didáticos utilizados no período.

Hoje, me encontro formado em Licenciatura de História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Nesta oportunidade, gostaria de fazer um breve resumo sobre minha vida escolar e acadêmica para assim ajudar a elucidar um dos fatores que me permearam e motivaram durante a jornada a qual percorri durante a execução deste texto.

Tive uma oportunidade que é rara nos dias de hoje, de estudar desde a primeira série do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio na mesma instituição escolar, a antiga Escola Estadual Prof.^a Nadir de Oliveira. No ano de 2021, esta escola foi transformada em uma escola militar e passou a se chamar E.E. da Polícia Militar Tiradentes Tenente Coronel PM Louirson Rodrigues Benevides e se localiza na cidade de Várzea Grande¹ - MT. Antes de iniciar o ensino regular, frequentei algumas residências onde pessoas letradas ensinavam crianças a ler e escrever. No meu bairro possuíam duas casas de alfabetização de crianças, logo adentrei a vida escolar alfabetizado por uma professora amiga de minha família.

Desde muito jovem, eu tinha um fascínio pela palavra escrita. Meus pais afirmam que desde que eu era bem pequeno e tão logo aprendi a ler, sempre carreguei comigo algum material de leitura para exercitar esse hábito. Podia ser um livro, uma revista em quadrinhos, muitas vezes, materiais muitos complexos para o entendimento de uma criança tão pequena, mas que mesmo assim despertava o fascínio de quem estava lendo.

Os primeiros anos do ensino regular foram meio tediosos, pois pouco havia ali a ser ensinado sobre alfabetização a uma criança que já se encontrava alfabetizada. É claro que isso era compensado pelos novos amigos, brincadeiras, eventos cívicos que eram todos

¹ É um município brasileiro do estado de Mato Grosso que faz parte de uma conturbação com Cuiabá que é a capital do estado, sendo a segunda mais populosa do mesmo.

novidades, mas no decorrer dos anos seguintes, novos ensinamentos foram sendo trazidos e um deles me chamou atenção em especial, que eram os chamados Estudos Sociais². Foi através dessa disciplina que comecei observar pela primeira vez conceitos históricos e geográficos pela primeira vez. Assim, comecei a me interessar por fatos e conceitos do passado, mapas, histórias dos principais expoentes brasileiros, que seguindo a figura dos grandes heróis, estavam sempre presentes nos livros da disciplina.

Foi nessa época que comecei também a perceber que a cor da minha pele induzia as formas de tratamento diferenciais em várias situações. Minha infância se passou em uma sociedade onde se chamar uma criança negra de macaca, tição, cabelo ruim, era visto como algo normal e corriqueiro. Em um lugar onde uma criança era chamada de negrinha, preta ruim, era comum. Que via em sua herança africana algo ruim, a ser evitado. Além disso, apesar de nascer e viver numa cidade que presenciou historicamente a escravidão no Brasil colonial e imperial, havia poucas referências negras, tanto na escola como na sociedade, que eu pudesse me espelhar e almejar algo melhor, fora da esfera esportiva, ou se haviam, eram pouco divulgadas.

Nessa época também passei a me interessar muito pela história do Brasil, seja nos livros que eu lia, nas histórias em quadrinhos (como das Turma da Mônica, Turma do Pererê, Menino Maluquinho, Sítio do Pica-pau Amarelo, Zé Carioca e outros), nos eventos como as festas juninas e feiras científico-culturais da escola, em alguns programas de televisão e por aí vai. Ao observar os materiais didáticos de estudos sociais, não encontrava praticamente nenhuma referência sobre agentes históricos negros nos livros, sem fugir do eixo escravidão, parecia que essa era que merecia ser destacada.

Nos textos e ilustrações estampados nos livros didáticos dava a impressão de que o negro era sempre o desobediente, o preguiçoso, o insolente, que não sabia trabalhar sozinho e por isso meio que “precisava ser escravizado”, para assim alcançar um nível de “civilização”. Ideias como o Darwinismo social e uma quase que toda inexistência da história africana, que fugisse a questão da escravidão. Lembro-me da fala de um dos meus professores de história, contrapondo um dizer escrito em um material didático trazido por

² É o nome de um curso ou conjunto de cursos ministrados no primário e escolas secundárias ou elementar, médio e escolas secundárias e engloba várias disciplinas das chamadas ciências humanas, como História e Geografia.

ele, onde afirmava que o Egito estava mais ligado à Europa do que à África. Além de outra, nesse mesmo material, onde apontava o africano como um ser puro e sem conhecimento, sem Deus ou civilização, assim os europeus tinham o “fardo” de levar tudo isso a esse homem.

Ao adentrar a antiga quinta série, pela primeira vez tive a experiência de contar com um professor para cada disciplina e fui apresentado a outras novas que comecei a estudar a partir daquele ano, sendo as mais notáveis para mim a História e a Geografia. Foram anos de muito estudo e novas descobertas. Devo admitir que não fui o mais aplicado dos alunos nesse período de minha vida escolar. Por vários fatores, passei a não me dedicar tanto a estudos. Porém, após quase reprovar na sétima série, passei a refletir e decidi que seria o melhor aluno que pudesse ser, fazendo sempre tudo da melhor maneira possível.

Chegando ao ensino médio, onde obviamente tudo se complicou, pois várias novas disciplinas adentraram ao currículo, tais como Filosofia e Sociologia. Então, pude observar novos materiais que nos foram apresentados em sala de aula, como novas fontes escritas, a exemplo de jornais, recortes de revistas, textos complementares, acesso à internet e outros. Falando desse último, minha escola recebeu um projeto da ONG *Moradia e Cidadania* que era parceira da Caixa Econômica Federal, onde foi instalado um laboratório na informática na escola, em meados de 2005, quando estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio, ou seja, já na reta final dessa etapa da minha vida escolar.

Eu já havia tido a experiência de usar um computador com internet razoável. Escrevo isso, pois naquela época, ainda se usava muito a internet discada, que somente quem usou sabe como isso era um exercício de paciência constante, em um curso, que havia feito, de formação profissional no ano anterior. Porém nesse projeto, eu me tornei um dos monitores responsáveis por ajudar a montar e ajudar na manutenção do laboratório, a mecânica do hardware (parte física do computador) e software (parte lógica do computador), a montar e desmontar um computador, instalar o sistema operacional, seus drives e demais programas necessários, me aperfeiçoei no uso do pacote *Office*³,

³ É um pacote de aplicativos para escritório e serviços, desenvolvido pela empresa transacional americana Microsoft que é até hoje uma das maiores desenvolvedoras de softwares para computadores. Contém programas como processador de texto, planilha de cálculo, banco de dados, apresentação gráfica, cliente de e-mails, entre outros.

entre outras experiências. Inicialmente os computadores recebiam um curso interativo de informática onde todos os alunos recebiam um disquete, onde seria salvo o seu progresso a fim de continuarem na próxima aula de onde pararam.

Nesse laboratório, tive o que considero a minha primeira experiência como docente, pois, esse curso se mostrou não muito compatível com os computadores como não mencionei ainda, pois foram recebidos através de doação da Caixa Econômica Federal, assim nós, os monitores, passamos a de fato ministrar as aulas, cada um em seu turno. Como os computadores utilizavam o sistema Linux⁴, adquirimos um conhecimento que não era tão comum na época. Fomos convidados, inclusive, a participar de alguns eventos como uma feira científica realizada no Hotel Fazenda Mato Grosso, onde juntamente com monitores de outros projetos similares, mas que estavam sendo desenvolvidos em outras escolas, demos aulas sobre o uso desse sistema operacional a alunos de escola da redondeza.

Chegamos aparecer na Revista *Veja*⁵, por causa de nosso trabalho ali desenvolvido, porém, foi o acesso a uma internet rápida durante minhas horas de folga no projeto que permitiu que eu me aprofundasse ainda mais no conhecimento histórico-geográfico que sempre me atraiu. Eu já tinha o hábito de ler bastante na biblioteca e não considerava os livros didáticos da época satisfatórios. Porém, com a internet tive a possibilidade de buscar muito outras informações importantes para ampliar o conhecimento e a consciência histórica a respeito de vários assuntos que tinha interesse. Acabei passando horas pesquisando clássicos da mitologia grega, nórdica e egípcia, assuntos como as grandes guerras mundiais, revolução francesa, ditaduras latinas, navegando pelo globo terrestre através do *Google Earth*⁶, foi como desvendar o universo do conhecimento e descortinar as diferentes culturas do passado e do presente.

⁴ É um Sistema Operacional, assim como o Windows e o Mac OS, que possibilita a execução de programas em um computador e outros dispositivos.

⁵ É uma revista semanal brasileira publicada pela Editora. Ela foi criada em 1968 pelo jornalista Roberto Civita e trata de temas variados de alcance nacional e mundial, como questões políticas, culturais e econômicas.

⁶ É um programa de computador criado e difundido pela empresa norte-americana Google e possuía a função de apresentar um modelo em três dimensões nosso planeta terra e foi construído a partir de mosaico de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas, entre outras.

Também nessa época, tentei realizar o vestibular concorrendo à vaga de Administração, porém não obtive êxito. Confesso que isso me desiludiu um pouco quanto ao acesso ao meio acadêmico e por isso passei muitos anos da minha vida longe desse meio. Porém, em 2013, consegui adentrar ao curso de História na UFMT, através do sistema de cotas para negros, o que foi uma realização para mim, sendo até hoje o único membro da minha família a conseguir realizar um curso superior e se formar em uma universidade pública.

No início, foi extremamente difícil acompanhar os estudos na universidade, pois eu estava a muito tempo longe de um ambiente de aprendizado nesses moldes, é preciso admitir senti que o ensino público regular não havia me preparado totalmente para o nível superior. Acredito que isso era a realidade em, praticamente em toda educação básica da nossa época e da atualidade, porém afirmo que não foi por falta de empenho dos docentes do ensino básico, mas por falta de uma estrutura educacional adequada às necessidades dos alunos de baixa renda.

Na universidade, aos poucos, juntamente com outros colegas na mesma situação que eu, fomos vencendo essas barreiras. É realmente incrível o quanto a dificuldade gera uma rede de solidariedade no ambiente acadêmico, que se intensifica, resultando em amizades para toda uma vida que são eternizadas em nossa memória. Seja a timidez na fala, dificuldade em se produzir trabalhos a nível acadêmico, falta de recursos para as despesas menos custosas, como o dinheiro para uma simples xerox para cumprir as exigências do curso.

Com ajuda da família, consegui comprar o meu primeiro notebook, o que ajudou e muito nesse processo, foram incontáveis horas com ele fazendo atividades na biblioteca da faculdade, no Restaurante Universitário, nos corredores da instituição e em todo lugar onde fosse possível estudar. Estava difícil escolher o tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Porém eu já sabia que queria me prender aos seguintes três eixos de interesse: História do Brasil; Temática Racial e História Militar.

Assim um dos meus professores me apresentou o trabalho de uma de suas orientandas que estava fazendo uma pesquisa sobre a FEB – Força Expedicionária Brasileira e sua participação na Segunda Guerra Mundial, no período de 1944 a 1945.

Esse trabalho se pautava em entrevistas feitas com ex-combatentes brasileiros oriundos de Cuiabá e arredores. A partir daí o meu interesse pelo assunto se intensificou, passei a pesquisar mais sobre o tema e vi que ele se casava perfeitamente com os eixos citados, já que a FEB era uma unidade multirracial que contava com soldados de diferentes etnias vindos de todos os cantos do Brasil.

Assim, obtive as entrevistas que nos foram gentilmente cedidas pela aluna em questão, hoje professora mestre Caroline Martins Ojeda. Nelas, passei a buscar elementos que mostrasse qual era o tipo de tratamento que os soldados negros receberam durante a sua atuação em solo italiano na Segunda Guerra Mundial, para assim verificar se eles sofriam algum tipo de discriminação racial. O que pelas palavras deles, praticamente não existiu entre os soldados rasos do corpo expedicionário, mas que era visível entre os aliados dos brasileiros, como os estadunidenses, ingleses e entre muitos oficiais brasileiros.

É importante registrar que era a minha intenção realizar entrevistas com os ex-combatentes da FEB, no entanto, com o deflagar da pandemia do Covid 19 fomos impedidos de realizar essa proposta inicial. Essa realidade impediu, também, de fazer as pesquisas com alunos e professores sobre tema, devido ao fechamento das escolas em geral. Também fui acometido pelo vírus da Covid e literalmente quase morri, levei meses para me recuperar e voltar às minhas atividades. Assim, recolhi todo o material possível para compor a presente pesquisa, deixando algumas questões em aberto para outro momento de trabalho de investigação e produção do conhecimento sobre o assunto.

Após concluir a minha licenciatura em História pela UFMT, em 2013, logo consegui colocação como professor interino na Escola Estadual Prof.^a Adalgisa de Barros, localizada na área central do município de Várzea Grande, e, também, em substituição a uma colega na EMEB Benedita Bernardina Curvo, no bairro Nova Esperança, na mesma cidade. No ano seguinte consegui vaga na escola onde havia estudado todo o ensino fundamental e médio e confesso, foi uma experiência única voltar ao lugar onde eu conhecia tão bem, mas agora no papel de docente. Ver os meus antigos professores me tratarem como um de seus colegas foi uma sensação diferente e única, singular. Todos

diziam que era gratificante ter um ex-aluno como docente, pois é raro encontrar jovens que queiram seguir a profissão de professor.

Conheci o Mestrado Profissional em História – PROFHISTÓRIA/UFMT, a partir de alguns colegas que me informaram como o curso funcionava e me instigaram a tentar fazer a prova. Em minha primeira tentativa não obtive êxito, porém no ano seguinte consegui adentrar ao mestrado profissional que, em minha opinião, é uma oportunidade única de capacitação de professores que estão em sala de aula e tem dificuldade para conseguir se dedicar ao mestrado acadêmico.

Juntando as experiências obtidas na trajetória de discente e docente no ensino fundamental e médio, pude perceber que, nos livros didáticos aos quais tive contato nessas fases que praticamente nada se falava da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Sobre ex-combatentes negros não havia nenhuma menção nos livros didáticos que eu havia estudado. Sendo assim, surgiu a seguinte indagação: atualmente ainda existe essa mitigação sobre a participação dos ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial nos livros de História do ensino fundamental e médio? E os soldados negros continuam invisíveis nos textos didáticos?

Assim, o presente trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar historicamente a participação da FEB - Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, no período de 1944 a 1945. Nessa perspectiva, pretende-se investigar a atuação dos ex-combatentes da FEB nos livros didáticos de história, com ênfase na presença de pracinhas negros que integraram as Forças Aliadas (Inglaterra, França, Rússia e Estados Unidos) contra as Forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) na Segunda Guerra Mundial, ocorrida no período de 1939 a 1945.

Pracinha é um termo referente aos soldados do Exército Brasileiro que foram enviados para integrar as Forças Aliadas contra as Forças do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Os pracinhas, membros da Força Expedicionária Brasileira, lutaram na Itália e participaram de importantes batalhas, como a famosa Batalha de Monte Castello, na região de Gaggio Montano, Emilia Romagna, no período de novembro a fevereiro de 1944, com a vitória dos brasileiros contra os alemães, retomando essa região para a nação italiana. Estes eram os nossos soldados que estavam na linha de frente das batalhas.

Após o conflito, a convite do exército estadunidense, as tropas brasileiras foram convocadas para participar da ocupação da Áustria. Isso, com certeza, traria ao Brasil maior participação no contexto da Segunda Guerra Mundial, pois a ocupação nos países do Reich seria feita pela URSS, Inglaterra, França, EUA e Brasil. Isso praticamente levou o Brasil como detentor de uma das vagas permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Essa ocupação seria feita por soldados brasileiros, porém o alto comando da FEB, sob a ordem do então presidente Getúlio Vargas, ordenou que todos os soldados da Força Expedicionária em solo italiano deveriam retornar para o Brasil e assim foi feito, onde os mesmos recebendo baixa ainda na Itália e retornando ao país, já na condição de civis.

No bojo dessa corporação brasileira encontravam-se soldados negros, oriundos de diversas regiões do Brasil, o que diferenciou de outras corporações da Europa, tanto na sua composição como no tratamento interno das forças aliadas com relação a essa diversidade racial. Nesse aspecto, buscaremos analisar os relatos de ex-combatentes mato-grossenses sobre a sua participação na Segunda Guerra Mundial, enviados à Itália pelo Exército Brasileiro, nesse período.

Com o intuito de abrir perspectivas de estudos no ensino fundamental e médio sobre esse conflito, a partir de relatos e experiências desses sujeitos comuns na história, tenho como proposta analisar os conflitos pessoais e coletivos da guerra, abordando aspectos relativos ao preconceito racial, cidadania e o ensino de história.

Sendo assim, esta pesquisa pretende desenvolver um trabalho de investigação dessa realidade a partir de registros e dados documentais, relatos e depoimentos de ex-combatentes mato-grossenses que lutaram na Segunda Guerra Mundial, nesse período. Além disso, analisar os livros didáticos de História do ensino fundamental e médio em busca da presença dos pracinhas negros que participaram desse conflito mundial. Para isso, selecionei livros com publicação mais recentes, de 2013 a 2018, adotados pelas escolas públicas do estado de Mato Grosso.

Seguindo essa direção, proponho apresentar, como produto desta pesquisa, um aplicativo para aparelho móvel e computador, com imagens e informações sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, para ser utilizado como ferramenta

pedagógica pelos professores em sala de aula. Esse aplicativo, como recurso didático-pedagógico, poderá ser utilizado de diferentes formas, como mostra audiovisual, leitura e pesquisa sobre o assunto, complementando o conhecimento histórico a respeito da FEB e da Segunda Guerra Mundial. Assim propondo uma nova metodologia.

Como professor de história da rede pública, reconheço que não é uma tarefa fácil utilizar novas metodologias e estratégias de ensino para atrair a atenção dos estudantes do ensino fundamental, ainda mais no ensino público, onde geralmente têm-se duas horas aulas/semanais por turma, pouco tempo para pesquisa e praticamente nenhuma valorização a esse trabalho. Nesse aspecto, há o reconhecimento da necessidade de qualificação dos professores dessa área frente aos desafios da prática de ensino no século XXI e de novas metodologias de ensino que possam contribuir para essa formação continuada.

Assim, o Capítulo I desenvolve um estudo sobre o processo de criação, formação e composição da FEB, utilizando a fala de ex-combatentes brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial, no período em estudo. Também abordaremos questões raciais ocorridas ali, além da interação entre brasileiros e italianos durante o conflito. Nossa intenção aqui é observar as dificuldades desse processo, além dos temores, os receios, os sentimentos de nossos ex-combatentes, antes, durante e pós-guerra. Este capítulo será acompanhado por trechos das entrevistas obtidas pela mestre Caroline Martins Ojeda, com ex-combatentes mato-grossenses da FEB que serão devidamente apresentados nesta unidade.

Nessa abordagem sobre vivências e experiências dos ex-combatentes em solo italiano recorreremos aos estudos de Jörn Rüsen, que discute a memória individual e coletiva como forma elaborada da história no processo de reconstrução do passado e seus significados. Para analisar os livros didáticos e a prática de ensino de história utilizei a leitura de Selva Guimarães Fonseca e Circe Bittencourt que permitiram reflexões e problematizações acerca do tema investigado, proporcionando reflexões sobre as realidades específicas de aprendizagem e construção da cidadania.

O Capítulo II realiza uma análise nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental e Médio, com o objetivo de observar a participação dos pracinhas brasileiros

nas unidades que abordam a Segunda Guerra Mundial, buscando essencialmente a presença de ex-combatentes negros que compunham as fileiras da Força Expedicionária Brasileira - FEB. Nessa perspectiva, destaca a mitigação da participação dos pracinhas negros nesse processo.

Entre as coleções de livros analisados se encontram: Aribá Mais História, Estudar História- das origens do homem a era digital, História - Escola e Democracia, todas da Editora Moderna, além de: Historiar, História.doc, História e História Global, essas últimas da Editora Saraiva. Por fim analisaremos também livros das coleções História Geral e do Brasil, História em Movimento e Olhares da História da Editora Ática e Scipione.

O Capítulo III - apresenta uma sinopse do produto desta pesquisa, um aplicativo para celular sobre a história da participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, com textos e imagens específicos sobre o tema.

CAPÍTULO I

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA – FEB:

Vivências e experiências dos ex-combatentes em solo italiano

[...] O colega italiano estudioso da FEB, Mário Pereira, guardião do Monumento Votivo de Pistoia resumiu bem a história de heroísmo da II Guerra. Para ele, herói não foram somente aqueles que morreram em combate, mas também aqueles que conseguiram viver com dores, remorsos, medos, tristezas e lembranças de um tempo que haviam passado dispostos a morrer por um país que hoje sequer é capaz de reconhecê-los nos livros oficiais que são dados em boa parte nas escolas públicas e particulares do Brasil.⁷

Penso ser interessante que comecemos esse capítulo com a epígrafe de Helton Costa⁸, autor do livro *Confissões do front*, onde analisa o seu diálogo com Mário Pereira⁹, considerado “guardião” dos monumentos que homenageiam a atuação dos soldados brasileiros em solo italiano, durante a Segunda Guerra Mundial, ocorrida no período de 1939 a 1945. Mário Pereira, filho do ex-pracinha brasileiro, Miguel Pereira, tornou-se membro do *Movimento Votivo Militar Brasileiro* (MVMB), em Pistoia¹⁰, Itália, e um estudioso sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Esta fala de Helton Costa, além de exaltar o heroísmo dos pracinhas brasileiros nos campos de batalha na Itália, evidencia a máxima que se tornou uma marca quase irrestrita

⁷ COSTA, Helton. *Confissões do Front: Soldados do Mato Grosso do Sul na II Guerra Mundial*. Dourados: Arandu, 2012.

⁸ Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2008) e mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2012).

⁹ O ítalo-brasileiro Mário Pereira, filho do ex-pracinha gaúcho, Miguel Pereira, é conhecido como o “embaixador da FEB na Itália”, não apenas porque herdou do pai a função de guardião do Movimento Votivo Militar Brasileiro (MVMB), em Pistoia, mas também por ser uma referência no Brasil e na Itália sobre a manutenção e a divulgação da memória da Força Expedicionária Brasileira.

¹⁰ É uma comuna italiana da região da Toscana, província de Pistoia. Foi um dos lugares em que os soldados brasileiros ajudaram a libertar durante sua participação na Segunda Guerra Mundial durante a campanha italiana.

nos livros didáticos brasileiros pós-guerra: a mitigação dos estudos sobre a atuação da FEB durante o conflito da Segunda Guerra Mundial. Sobre essa análise nos livros didáticos falaremos mais à frente no decorrer do presente estudo.

Neste capítulo temos como objetivo realizar um estudo sobre a Força Expedicionária Brasileira, conhecida pela sigla FEB, a expedição militar organizada pelo Brasil, com apoio dos Estados Unidos da América, para lutar no final da Segunda Guerra Mundial, nos campos de batalha na Itália, no período de 1944 a 1945. Nessa perspectiva, analisa-se os depoimentos dos pracinhas mato-grossenses que participaram desse conflito na Itália, destacando suas interações e experiências com a população italiana nesse período em estudo.

Mas o que faz com que, após 76 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, uma nação como a Itália, que já foi berço de um dos maiores impérios da humanidade, mantenha até hoje monumentos dedicados à Força Expedicionária Brasileira? E que ainda rende homenagens aos soldados brasileiros, como a comuna italiana de Montese, na Província de Modena, Emília-Romagna? Que, ainda hoje, nesta comuna italiana, as escolas ensinam as crianças a cantar o hino da FEB em português para ser entoado nos desfiles cívicos comemorativos à “rendição da 148ª Divisão Alemã”, em 28 de abril de 1945? Essa data representa a libertação dessa região da Itália do jugo alemão, pelos soldados brasileiros. Na cidade de Montese encontra-se, a *Piazza Brasile*, em homenagem à guarnição de guerra brasileira, além de outros monumentos dedicados à Força Expedicionária Brasileira.



Figura 1: Foto atual da Piazza Brasile, na comuna de Montese, na Itália, em homenagem aos soldados brasileiros.



Figura 2: Blindado adentrando as ruínas de Montese, no final da Segunda Guerra Mundial.

Fonte: <<https://www.bellitalia.org.br/montese-a-cidade-italiana-homenageia-os-herois-da-feb-forca-expedicionaria-brasileira>>. Acesso em 9 Agosto de 2021.

Fonte: <<https://leituraobrigahistoria.wordpress.com/2018/04/14/a-batalha-de-montese/>>. Acesso em 9 Agosto de 2021.

No *Museu Histórico de Montese* encontra-se uma sala temática dedicada aos pracinhas brasileiros e sua participação na Segunda Guerra Mundial, com exposições de fotos, documentos, armas, fardas e outros registros históricos que evidenciam essa experiência significativa para o Brasil e para a Itália.



Figura 3: Detalhe de um mostruário do FEB no Museu Histórico de Montese, contendo uma espada, um planfeto, o símbolo da FEB, bem como outros equipamentos alusivos aos soldados brasileiros.

Fonte: <<http://www.lineagoticamontese.eu/pt/os-museus/montese-museu-historico.html>>. Acesso em 9 ago 2021.

Cabe a nós indagar, qual o significado dessas homenagens aos pracinhas brasileiros? Seria gratidão e reconhecimento, por considerarem os soldados da FEB como “libertadores” dessa região italiana do jugo alemão, ou por terem sido solidários com a população italiana durante o tempo em que lutaram na Itália? Em diversos relatos de soldados brasileiros, onde compartilham suas experiências de guerra, contam a proximidade destes com a população italiana e o modo como buscavam ajudá-la durante este conflito, estabelecendo uma relação de conhecimento, afeto e ajuda mútua. Contam, também, como dividiam suas rações diárias com as crianças italianas e buscavam prover recursos para que famílias pudessem se alimentar durante os anos finais da guerra, além da proteção e segurança que o exército brasileiro fornecia aos moradores dessa região. Diversos relatos e depoimentos de italianos confirmam essas narrativas e ainda citam

outros exemplos de generosidade que os brasileiros executaram durante sua passagem pela Itália enquanto integrantes da FEB.

O relato do senhor Zeferino Santana, um dos ex-combatentes entrevistados por Caroline Martins Ojeda, expressa essa realidade: ´

Toda tarde nós recebíamos duas cartelas de cigarro, duas caixas de fósforo, dois tabletes de chocolate e uma goma de mascar. Então a gente guardava aquilo, muitos davam pra italianos, o general desconfiou, porque não gostavam que dava para os italianos. Então no tratamento eles são bons¹¹.

Creio que é importante destacar o papel da memória individual e coletiva, pois muitos italianos que conviveram com soldados da FEB, nesse período, contribuíram significativamente para que sua história nunca deixasse de ser contada, pois a Segunda Guerra Mundial está muito presente na vida e na memória dos italianos. Seja através de conversas, depoimentos e contação de histórias daqueles que vivenciaram essa realidade, a seus descendentes, seja em forma de homenagens, como as já mencionadas. Não nos surpreende o fato do valor que os italianos dão aos pracinhas brasileiros. Mesmo assim, cabe destacar neste estudo, que a maioria dos brasileiros não sabe o que significa FEB, comumente confundida com a FAB – Força Aérea Brasileira.

Monumentos, datas e manifestações são o que nos fazem lembrar de fatos dos quais não participamos, mas que fazem parte de nossas vidas. Circe Bittencourt, em seu texto sobre *As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas*, faz o seguinte comentário: “os rituais cívicos, a construção de monumentos e demais símbolos relacionados às tradições nacionais merecem uma interpretação que ultrapasse a questão interna da organização escolar”, envolvendo atitudes, expressões e significados de uma determinada realidade sociocultural como um todo.¹²

¹¹ Entrevista do ex-combatente Zeferino Santana Ribeiro, concedida a Caroline Martins Ojeda, Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, em 28 de junho de 2013, em Cuiabá-MT.

¹² BITTENCOURT, Circe M. F. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime. O ensino de história e a criação do fato. 8ª ed., São Paulo, Contexto, 2000, p. 45.

Como escreve Jörn Rüsen, em seu ensaio intitulado *Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história*:

A memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. Essa orientação inclui uma perspectiva futura e uma direção que molde todas as atividades e sofrimentos humanos. A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual.¹³

Levar em conta a história como a memória é algo que não se pode definir com tanta certeza e nem determinar se essa memória é individual ou coletiva. Fatos históricos fazem parte da nossa memória. Mesmo quando não vivemos o ocorrido, tomamos para nós como se tivéssemos feito parte daquele fato. A nossa história é levada conosco por onde quer que vamos, como parte daquilo que representa o nosso passado e simboliza nossas raízes. Somos levados a isso por meio de informações que recebemos e vamos agregando às nossas memórias. Conforme Rüsen, são “questões relevantes de meta-história: que nos fazem transcender do campo de memória coletiva para nossa memória individual, nos tornando parte do fato”¹⁴.

Nesse aspecto, as memórias individuais e coletivas dos ex-combatentes da FEB, foram dando voz a um séquito que era até então ignorado e que já veio da Itália com esse status, visto que esta corporação brasileira já foi desmobilizada na Itália por meio da Portaria nº 8.2501¹⁵, datada de 11 de maio 1945.

¹³ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. In: História da Historiografia. nº2, 2009, p. 3.

¹⁴ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. In: História da Historiografia. 2009.

¹⁵ “Em portaria nº 8250, ontem baixada pelo Ministro da Guerra foram aprovadas as ‘Instruções a observar com os evacuados da FEB, isolados ou em grupo’. De acordo com esse regulamento todo militar que for evacuado da Força Expedicionária Brasileira, será recebido pelo Estado Maior da FEB, no interior e encaminhado aos locais do primeiro destino. Tratando-se de doentes e feridos, esse trabalho será feito em ligação com a Diretoria de Saúde. A fim de prestar pronta assistência a todos os evacuados e resolver, no menor prazo possível à situação de cada um. As referidas Instruções estabelecem normas para a adição de oficiais e inferiores às diversas Diretorias, e declaram que os uniformes usados pelos praças do Exército, na Itália, deverão ser restituídos urgentemente recebendo elas, em troca, outras peças. Só regressarão ao teatro de operações os que forem solicitados pelo Comandante da 1ª D.I.E, ou os que receberem ordem especial do Ministro da Guerra por intermédio do Chefe do Estado Maior (FEB). Trata ainda das inspeções de saúde dos militares evacuados. Os definitivamente incapazes, desde que não tenham direito a reforma serão licenciados e, para os possuidores desse direito, ser-lhes-ão aplicado o mesmo, isto é, a reforma. Os

Assim, nesse estudo pretendemos nos centralizar nos relatos dos ex-pracinhas mato-grossenses entrevistados pela professora mestre Caroline Martins Ojeda¹⁶, entre os anos de 2013 e 2014, além dos relatos de outros “febianos”, cujas falas ajudaram a complementar a pesquisa.

Os ex-combatentes entrevistados por ela são os senhores Agostinho Gonçalves da Mota; Aleixo Marcelo de Campos; Antônio Abdon; Gabriel Ferreira de Jesus; Manuel Aniceto e Zeferino Santana Ribeiro, todos moradores de Cuiabá e arredores, com mais de 90 anos de idade. Apesar da idade avançada esses combatentes da Segunda Guerra Mundial ainda guardam na memória as suas experiências nos campos de batalha da Itália, onde atuaram ativamente no final desse conflito.

Para uma maior compreensão, deixaremos abaixo uma tabela com os nomes completos de todos os ex-combatentes mato-grossenses que concederam as entrevistas. Assim como a idade dos depoentes, data e local das entrevistas, além da ocupação dos ex-combatentes antes de servirem na FEB.

Quadro 1: Informações sobre ex-combatentes mato-grossenses entrevistados por Caroline Martins Ojeda, no período de 2013 a 2014, segundo o nome, idade, data da entrevista, naturalidade e profissão na época de sua integração na FEB.

| Nome dos Entrevistados | Idade | Data da Entrevista | Naturalidade | Trabalho anterior a FEB |
|------------------------------------|--------------|---------------------------|---------------------|--------------------------------|
| Agostinho Gonçalves da Mota | 89 anos | 09/08/2014 | Campo Grande | Açougueiro |
| Aleixo Marcelo de Campos | 92 anos | 28/09/2014 | Várzea Grande | Na roça |
| Antônio Abdon | 92 anos | 01/06/2013 | Rosário Oeste | Na roça |

oficiais da reserva e os praças, ambos aptos serão licenciados desde que não tenham a sua permanência assegurada por lei. Isso se dará, quanto aos primeiros, por indicação das Diretorias das Armas ou dos Serviços e, com relação aos demais pelo Centro de Reacomodamento de Pessoal da FEB, sendo-lhes fornecido um certificado provisório de reservista. As unidades administrativas a que estiverem adidos os citados militares compete estudar e encaminhar à repartição competente o que se relacionar com promoções e medalhas. Aos evacuados serão pagos, sem demora os vencimentos e vantagens que lhe forem devidos”. (O Estado de São Paulo. 12 de maio de 1945- SÁBADO; Artigo transcrito na íntegra, sem o nome do autor; página 18. In: NASS, Sirlei. Legião paranaense do expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos Febianos Paranaenses (1943-1951). Curitiba, 2005.

¹⁶ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, 2016, com a dissertação intitulada *Da glória ao esquecimento: a reintegração social de veteranos de guerra da FEB em Mato Grosso (1945-2014)*.

| | | | | |
|----------------------------------|---------|------------|---------------|------------------|
| Gabriel Ferreira de Jesus | 99 anos | 21/09/2013 | Várzea Grande | Na roça |
| Manuel Aniceto | 93 anos | 05/11/2013 | Cuiabá | Na roça, garimpo |
| Zeferino Santana Ribeiro | 92 anos | 05/11/2013 | Cuiabá | Marceneiro |

Sobre os seus depoentes, Caroline Martins Ojeda faz o seguinte comentário:

Nossos colaboradores, por se tratar de idosos nonagenários, possuem problemas de saúde. Entre estes problemas a surdez e diversos problemas na fala foram os mais comuns. Para um trabalho em história oral, estes problemas devem ser levados em consideração. Durante a entrevista o que deve imperar sobre o pesquisador, além da boa vontade, é certa sensibilidade sobre o estado de saúde do entrevistado. Repetir pausadamente as perguntas, utilizar um tom de voz um pouco mais alto que o usual, desenvolver perguntas simples e sempre estar atento ao estado emocional do colaborador, que possui este perfil, é essencial.¹⁷

É perceptível que as entrevistas realizadas pela pesquisadora, talvez pela condição debilitada da maioria dos entrevistados, por conta da idade avançada, não se prenderam a um roteiro, mas os deixou à vontade para compartilharem suas experiências livremente, as evocando na medida em que as mesmas viessem a cabeça.

Percebe-se, em seu trabalho de dissertação de mestrado, que foi tomado o devido cuidado com a análise das memórias dos ex-combatentes devido a vários aspectos como: a idade avançada dos entrevistados, o que implica em vários problemas, como esquecimento de muitos detalhes, ideias desconexas, reavivamento de lembranças que por muitas vezes lhes são dolorosas, reaparecimentos de certos traumas que, talvez, já superados, mas que ainda assim lhe trazem lembranças ruins, como diz Campiani:

Geralmente, quando comparadas, percebe-se que brutalização, às tenebrosas condições da linha de frente e outras circunstâncias semelhantes identificadas nas memórias de antigos soldados de diferentes países.¹⁸

¹⁷ OJEDA, Caroline Martins. Da glória ao esquecimento: a reintegração social de veteranos de guerra da FEB em Mato Grosso (1945-2014). Dissertação de Mestrado: Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, 2016, p. 34.

¹⁸ CAMPIANI, Cesar Maximiliano. Barbudos, sujos e fatigados (p. 15). Grua. Edição do Kindle.

Isso sem falar na dificuldade de comunicação com alguns que já apresentavam problemas de fala e audição. A armadilha de não se analisar criticamente as fontes e embarcar na narrativa do entrevistado, pois muitos apresentam fatos que muitas vezes não podem ser confirmados por outras fontes, que lhe são experiências particulares vividas no decorrer do período analisado, isso sem falar nas omissões que, como bem nos diz Campiani, “são bem comuns, principalmente em acontecimentos cuja moral do pracinha foi posta à prova e ele geralmente pendeu para o lado que não gostaria”¹⁹.

A Força Expedicionária Brasileira – FEB

É óbvio destacar que não podemos falar sobre a atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial sem realizar um estudo sobre a FEB. Mas é óbvio para quem? Essa pergunta torna-se importante, pois, nem sempre o óbvio é tão óbvio assim, depende para quem falamos. Para um estudioso da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, com certeza o é, porém é visível que a maioria da população brasileira não conhece o significado da sigla FEB, desde o cidadão comum até aos de nível universitário.

Por isso se faz mister falar um pouco sobre o que foi a FEB, para responder perguntas como: quando e sob que contexto ela foi criada? Como foi o processo de recrutamento e treinamento das forças militares? Quais foram as dificuldades em se criar uma força que lutaria na maior guerra da história. Como a FEB era composta? Quais as particularidades desse conjunto de homens que viriam a marcar tantas vidas aqui e na Europa. Como foi a atuação da mesma durante a guerra. Esperamos responder aqui essas perguntas e talvez outras que venham a surgir no decorrer do texto além de acrescentar impressões de ex-combatentes mato-grossenses que lutaram no conflito.

A Força Expedicionária Brasileira foi criada como parte do processo vindo da resposta de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil na época, à população brasileira. A mesma cobrava uma posição do governante aos ataques ocorridos a navios brasileiros,

¹⁹ CAMPIANI, Cesar Maximiliano. Barbudos, sujos e fatigados (p. 15). Grua. Edição do Kindle.

em agosto de 1942, por submarinos alemães posicionados pelo governo nazista na costa brasileira. Esses ataques aconteceram logo após a decisão de Getúlio Vargas em apoiar os EUA em detrimento dos nazistas. Pelo menos é o que muitos historiadores e outros estudiosos defendem, com quem por muito tempo manteve relações diplomáticas, comerciais e até mesmo ideológicas.

A população clamava por uma atitude do governo a esses ataques. Foram feitas várias manifestações a esse sentido, pois além de ser um golpe direto à soberania brasileira, havia o agravante dos navios atacados serem mercantes e de transportes de passageiros, nenhum era um navio de guerra. Centenas de homens, mulheres e crianças haviam perdido suas vidas nos mares da costa brasileira e muitos dos seus corpos foram achados nas praias após as águas os terem devolvido. Inquirida, a Embaixada Alemã, no Rio de Janeiro, recusou-se a dar explicações.

Segundo Bóris Fausto,

Em fins de 1941, tropas americanas estacionaram no Nordeste. O primeiro semestre de 1942 foi marcado por um clima ambíguo apesar da ocorrência de duas decisões de importância: em janeiro daquele ano, não obstante as resistências de Góis Monteiro e de Dutra, o Brasil rompeu relações com o Eixo; em maio, Brasil e Estados Unidos assinaram um acordo político-militar, de caráter secreto²⁰.

Assim, em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra ao Eixo. Porém a população cobrava uma atitude mais enérgica, queria que o Brasil enviasse combatentes para lutar ao lado dos Aliados contra a Alemanha Nazista. Nesse aspecto, os EUA se empenharam em ajudar a modernizar o exército brasileiro, se comprometendo inclusive a vender armamentos e equipamentos a preço bem reduzido. Em troca receberia, entre outros benefícios, o direito de construir uma base aérea em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para criar a rota Natal-Dakar e assim facilitar os esforços de guerra estadunidenses no *front* Sudoeste da guerra na Europa. O Brasil, logo entrou em negociação com os EUA para efetuar empréstimos ao governo brasileiro, entre outras

²⁰ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo, Edusp, 2006, p. 382.

medidas que ajudaria a consolidar essa parceria entre os dois países. Porém ainda levaria um tempo, para o Brasil se organizar e enviar soldados aos campos de batalha da Europa.

Em 9 de agosto de 1943, através da Portaria Ministerial nº 4.744, nascia a Força Expedicionária Brasileira. Ela seria o único contingente sul-americano a ser enviado e combater em solo europeu no maior e mais sangrento conflito até então: a Segunda Guerra Mundial e na opinião de muitos, foi uma das tropas mais humanitárias de todas as que lutaram nesse cenário caótico.

Isso fica evidente na perspectiva de Carmen Lúcia Rigoni, em sua dissertação de mestrado sobre história e memória da FEB, acerca da opinião das pessoas com quem falou no ato de sua pesquisa sobre alguns monumentos à memória da FEB na Itália. A historiadora assim coloca:

Essas imagens transformaram-se em marcos materiais - os monumentos -, representações dos soldados brasileiros, vistos pelos testemunhos como "bons combatentes, como homens simples, de espírito humanitário e libertadores", cuja história se mescla à dos cidadãos italianos, sejam civis ou partigianos²¹.

Mais à frente Rigoni faz seguinte observação que ajuda a compreender esse caráter humanitário dos pracinhas tão apontado nesse estudo.

Em todos os acampamentos era comum a presença de civis italianos, principalmente mulheres e crianças. Muitos foram alimentados pelos soldados brasileiros, e suas famílias não padeceram graças a esta ajuda²².

²¹RIGONI, Carmem Lúcia. "La Forza si Spedizione Brasiliana" (FEB), - Memória e História: Marcos na Monumentalística Italiana. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013, p. 233.

²² Op. cit., p. 239.

Da mesma forma Caroline Ojeda também faz o seguinte comentário em seu trabalho:

Outro aspecto destacado pelos colaboradores diz respeito à relação construída entre os beligerantes em território italiano. Destaca-se, neste sentido, a solidariedade entre a população civil italiana e os soldados brasileiros. Segundo os ex-combatentes entrevistados, os pracinhas eram tidos como “brasiliano bono”, pois tratavam-se com respeito e, diante da miséria daquele povo, repartiam, às vezes, suas rações com os pedintes de uma Itália devastada.²³

Enfim, o exército brasileiro ainda era regido pela doutrina francesa, que prezava pela guerra estática e tratava muito ríspidamente o soldado subalterno. Então, foi necessária toda uma mudança de disciplina militar para a criação dessa força, para um modelo de guerra baseado nos estatutos de guerra dos Estados Unidos da América, que foram nossos principais aliados e instrutores.

Inicialmente prevista para ser uma força composta por 100 mil homens, distribuídos em três divisões de infantaria, não pode ser efetivada com toda essa totalidade, por vários fatores, como falta de organização das forças armadas que eram na época um órgão defasado, arcaico, com uma doutrina que mostrou não ser adequada ao novo modo de combate moderno. A criação da FEB mudou todo esse cenário. Graças a ela, o exército brasileiro pode contar com equipamentos modernos, treinamentos e uma total reformulação de sua doutrina e estratégia.

Muitos oficiais foram fazer cursos e estágios nos EUA, porém, apesar de tudo, o exército brasileiro enfrentou muitos problemas nos bastidores, pois, não havia soldados suficientes para compor a FEB. Logo, foi lançada a campanha para o alistamento

²³ OJEDA, Caroline Martins, Da Glória ao esquecimento: A reintegração social dos veteranos de guerra da FEB em Mato Grosso. 2016. p. 140.

voluntário, que não surgiu muito efeito, tendo sido necessário então lançar mão do alistamento obrigatório.

Muitos estudos divergem sobre como foi o processo de arregimentação dos soldados para os efetivos a serem enviados a Europa. Alguns dizem que foi um processo rígido, com testes de saúde rigorosos a fim de selecionar os melhores soldados, já outros afirmam que foi um procedimento confuso, cansativo e ineficiente, que testou, e muito, a paciência dos candidatos.

Joaquim José de Silveira comenta em sua obra intitulada *A FEB por um soldado*, a dificuldade que foi a tarefa de selecionar os expedicionários que lutariam nos campos de batalha na Europa, inclusive colocando como um dos motivos dessas adversidades a origem de muitos pracinhas:

A tarefa para selecionar os soldados da FEB foi árdua, sobretudo por que grande parte do contingente vinha dos meios rurais, sem os conhecimentos mínimos para entrar de imediato em cursos especializados ou treinamentos com os equipamentos que seriam colocados à disposição da tropa [...] os periódicos exames médicos da tropa, exigência do comando americano, resultavam com frequência em baixas no contingente dos que não apresentavam aptidão física.²⁴

Assim como na citação acima, muitos defendem que apesar da necessidade de se montar um corpo expedicionário às pressas, o processo de seleção dos futuros pracinhas foi bem rigoroso. Essa foi também a opinião de alguns dos pracinhas depoentes, que discorrem sobre essas dificuldades durante suas narrativas, pelo menos os que comentaram sobre como foi o processo de seleção. É o caso do ex-combatente da FEB, Zeferino Santana Ribeiro:

Mas só que o outro tinha, ele tinha... porque todo soldado que no final das contas era para estar com a saúde beleza, não tinha doença nenhuma. Nada, nada, nada. Quem foi lá estava tudo saudável. A

²⁴ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. P.46

inspeção era rigorosa, mas rigorosa mesmo! E esse que foi comigo tinha problema de coração. Voltou para o batalhão²⁵.

Citam também problemas estruturais, como a alimentação no alojamento, que para eles era péssima e que o treinamento não foi o adequado, e o pior: com equipamentos antigos e totalmente diferentes do que usariam na Europa. Enfim, tudo aos “trancos e barrancos”, bem à moda brasileira. Falam de como foi a travessia do Atlântico rumo a Itália, destino que segundo eles muitos desconheciam até mesmo na hora do desembarque, o que é perfeitamente normal visto que toda a operação de embarque foi extremamente sigilosa para evitar entre outras coisas, que submarinos alemães torpedeassem o navio que transportava os soldados.

Essas são as palavras de João Barone sobre essa realidade:

A operação de transporte dos mais de cinco mil homens do escalão da Divisão de Infantaria Expedicionária saiu da Vila Militar em direção ao cais da praça Mauá, no Centro do Rio de Janeiro, na noite do dia 29 de junho. Tudo, em teoria, envolto no mais alto segredo, [...] durante a viagem, ainda havia o temor de que algum ataque ao comboio pudesse ser realizado por submarinos do Eixo, mesmo com a escolta de navios americanos e brasileiros e a cobertura aérea possível, ao longo da travessia do Atlântico.²⁶.

Devido às diferentes dificuldades de arregimentar e organizar a FEB tornou-se alvo de discussão e desconfiança de chegar a termo o projeto de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Muitos diziam que “Era mais fácil uma cobra fumar que o Brasil lutar na Segunda Guerra Mundial”, frase de autor desconhecido. Isso inspirou a criação do símbolo da FEB, com a “cobra fumando”, que serviu como resposta às críticas e de uma forma criativa e otimista, conforme figura abaixo:

²⁵ Entrevista concedida pelo ex-combatente Zeferino Santana, a Caroline Martins Ojeda, em 5 de novembro de 2013.

²⁶ BARONE, João. 1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2013, p.127.



Figura 4: SÍMBOLO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.

Fonte: AZEVEDO, Luiz Fernando. Lafaietenses mortos em Monte Castelo, 2017.

<<http://historiaegenealogialafaiete.blogspot.com>>.

Existiam, também, problemas estruturais, como a alimentação no alojamento, que, para eles era péssima e que o treinamento não foi o adequado com equipamentos antigos e totalmente diferentes dos que usariam na Europa. Falam de como foi a travessia do Atlântico rumo a Itália, destino que segundo eles muitos desconheciam até mesmo na hora do desembarque, o que é perfeitamente normal visto que toda a operação de embarque foi extremamente sigilosa para evitar entre outras coisas, que submarinos alemães torpedeassem o navio que transportava os soldados.

Nos relatos dos ex-combatentes é possível ter uma ideia de como a FEB era composta, por exemplo: o ex-combatente Zeferino Santana Ribeiro, 92 anos, só tinha estudado até a 5ª série. O ex-pracinha Aleixo Marcelo de Campos, 92 anos, natural de Nossa Senhora do Livramento²⁷, afirma que sempre morou no sítio e que é analfabeto.

²⁷ É um município brasileiro do estado de Mato Grosso, localizada a 50 km da Capital do estado

Gabriel Ferreira de Jesus, 99 anos, é de Mata Cavallo²⁸, garante que sempre trabalhou em roça, assim como Manuel Aniceto, 93 anos, nasceu em Cuiabá.

Essas informações confirmam as evidências dessas pesquisas, que o corpo expedicionário brasileiro era composto em boa parte de pessoas simples, que vieram do campo ou de cidades pequenas de diversas regiões brasileiras, com pouco estudo ou analfabetas.

Assim, a FEB foi sendo composta por soldados de vários cantos do país. Havia sulistas, mato-grossenses, paulistas, mineiros, nordestinos, brancos, negros e índios. Uma representação clara da diversidade brasileira, uma tropa totalmente miscigenada. Essa realidade está explícita em um dos trechos da *Canção do Expedicionário*, conhecida como o “Hino da FEB”:

Você sabe de onde eu venho?
 Venho do morro, do Engenho
 Das selvas, dos cafezais
 Da boa terra do coco
 Da choupana onde um é pouco
 Dois é bom, três é demais

Venho das praias sedosas
 Das montanhas alterosas.
 Dos pampas, do seringal
 Das margens crespas dos rios
 Dos verdes mares bravios
 Da minha terra natal²⁹

Podemos observar nesses versos acima, a diversidade sociocultural constituída pela tropa brasileira, soldados dos pampas, dos seringais, das praias, das montanhas, do pantanal etc. Aqui observa-se, também, a ideia da FEB como um “pequeno Brasil”, uma guarnição singular formada por soldados de vários lugares e regiões do país. De

²⁸ É comunidade quilombola que fica no município de Nossa Senhora do Livramento situada a 50 quilômetros da capital do estado.

²⁹ Trecho inicial da *Canção do Expedicionário*. Ela é considerada o Hino da FEB, é uma composição conjunta de Spartaco Rossi e Guilherme de Almeida. Foi tocada pela primeira vez em 8 de setembro de 1944.

soldados que tomavam um bom chimarrão³⁰, a soldados que apreciavam uma bela “buchada³¹” de bode, ou um belo “pacu” assado³², enfim, soldados que traziam consigo os aspectos culturais dos lugares onde viviam e que agora ingressariam em uma das tropas mais ricas culturalmente no cenário da Segunda Guerra Mundial.

Diante dessa realidade, percebe-se que o processo de formação da Força Expedicionária Brasileira foi árduo, algo até certo ponto compreensivo, visto que o exército brasileiro era pequeno e mal organizado. E as estradas que ligavam o país eram péssimas, quando existiam, como nos narra o senhor Zeferino Santana:

Começou... aí fomos para Corumbá, para Ponta Porã, esparramou nós cada um para um lado. Eu, mais vinte e quatro companheiros, fomos lá para Cáceres. Sabe quantos dias nós duramos daqui em Cáceres, naquele tempo? Oito dias de carro, de jardineira, mas naquele tempo não tinha estrada! Não tinha estrada não. Era para o pantanal mesmo, aquela estrada antiga ainda, então nós estávamos no mês de maio ainda, chovia. Nós andamos mais empurrando carro do que dentro do carro.³³

Ao final dos trabalhos de seleção e preparo de milhares de soldados foram selecionados para compor essa força. Eles iriam receber treinamento e se preparar para encarar uma incrível missão, desafiar o temível exército nazista em pleno solo europeu. O primeiro dos cinco escalões da FEB que iriam para a Europa, estava a caminho do combate. Segundo Bóris Fausto, “mais de 20 mil homens lutaram na Itália, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, até o fim do conflito naquele país, a dois de maio de 1945, poucos dias antes do término da guerra”. (FAUSTO, 1999, p. 382).

³⁰ É uma bebida típica da região Sul do país, porém é consumida em várias partes do país, é feita base da conhecida erva mate e servida em um recipiente conhecido como “cuia” onde a conteúdo é sorvido através de uma espécie de canudo de metal conhecido como “bomba”.

³¹ Prato típico da cultura nordestina, é feita com as entranhas (rins, fígado e vísceras) do bode, lavadas, fervidas, cortadas, temperadas e cozida em bolsas (que medem cerca de 8 cm de diâmetro), feitas com o próprio estômago do animal

³² Prato típico da culinária cuiabana, se consiste em um Pacú – peixe típico da região – assado geralmente inteiro e recheado com mistura variadas. Existe até um dito cuiabano: Quem ao visitar a cidade e comer a cabeça do pacú, nunca mais tem vontade de ir embora.

³³ Entrevista concedida do ex-combatente Zeferino Santana Ribeiro, concedida a Caroline Martins Ojeda, em 5 de novembro de 2013.

Embarcados para o destino incerto, mas com uma convicção, dita várias vezes pelos ex-pracinhas entrevistados: “Cumprir o meu dever”! Ao retornarem para o Brasil, entre perdas e ganhos, esses soldados trouxeram em suas bagagens novas experiências e muitas histórias a serem contadas.

Morreram em combate 454 brasileiros que foram enterrados no cemitério de Pistóia. Em 1960, as cinzas dos soldados mortos foram transladadas para o Monumentos do Mortos da Segunda Guerra Mundial, erguido no Aterro da Glória, no Rio de Janeiro. (FAUSTO, 1999, 382).

Podemos perceber que o número de baixas brasileira foi relativamente baixo em relação a dos demais aliados, isso já rebate algumas críticas quanto a se de fato ela tivesse atuado em batalha, visto que alguns alegaram que a mesma só foi “passear” na Itália, sendo que seus restos mortais que encontraram seu descanso hora iniciado em terra italiana, hoje se encontram em solo brasileiro.

Relatos de experiências dos combatentes brasileiros na Itália

Em uma guerra costuma-se pensar que os soldados são os que mais sofrem nessa realidade, principalmente os da linha de frente durante o combate, porém sabemos que nesses conflitos, o verdadeiro sofrimento está reservado à população civil. É ela que assiste impotente o desvio dos recursos e do foco dos meios de produção, que geralmente se volta em totalidade para os esforços de guerra, além da perda de amigos e entes queridos, bem como a destruição de seus lugares de moradia e vivência.

Sofrem com as consequências disso como a fome, a falta de recursos básicos como roupas, calçados, produtos de higiene pessoal, entre outros. E ainda, dependendo dos ventos do conflito, veem sua região ser consumida pela agressividade do invasor, e muitas vezes até mesmo dos seus próprios soldados que deveriam protegê-los, o que lhes impõe situações humilhantes como saques, agressões, estupros e outras barbáries.

Na Itália não foi diferente. Ao chegarem, os pracinhas viram com seus próprios olhos o estado que a cidade de Nápoles e seu porto se encontravam. A partir daí, muitos relatos são direcionados à precariedade que se encontrava os recursos da população civil italiana. Eles relatam sobre a destruição, a fome e sobre atos de solidariedade que tiveram com os civis, principalmente as mulheres e as crianças, apesar dos estadunidenses rechaçarem isso e darem ordens expressas para que os pracinhas não ajudassem a população, como é dito no trecho tirado do livro de João Barone, intitulado: *Brasil e sua guerra quase desconhecida*:

Os soldados Aliados, dentro das prerrogativas de disciplina e controle fora das operações militares, recebiam ordens para não interagir com a população local, ordens que não eram cumpridas ao pé da letra. Havia sempre quem se dispunha a ajudar crianças e idosos, sem contar as inúmeras situações em que os soldados arranjavam tempo para namoradas, ou a fácil oferta de serviços sexuais, uma trágica consequência da cruel realidade da guerra. No geral, os italianos receberam tratamento indiferente ou mesmo rude por parte da maioria das tropas de ocupação Aliadas, mas, a esse respeito, os brasileiros seriam responsáveis por um enredo muito diferente junto à população italiana.³⁴

Puxando a fala de João Barone uma vez mais, durante o curso de graduação em História na UFMT, um dos professores nos contou a história de um pracinha que, ao caminhar por uma comuna italiana, foi atraído por um menino que propunha conseguir uma mulher italiana que ofereceria favores sexuais ao soldado em troca de pagamento que poderia ser em comida.

Relutante o soldado aceitou e ao chegar ao local ele viu que a mulher era muito jovem e no mesmo lugar se encontrava a mãe da jovem, que era na verdade também do menino. Ao perceber que a fome levava aquela família a uma situação degradante, o soldado aproveitando que a mulher se retirou para se lavar antes do encontro, esvaziou sua mochila em cima da mesa da família, deixando vários alimentos como pão, leite,

³⁴ BARONE, João. 1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2013, p.140.

chocolate, rações, entre outros que recebiam dos estadunidenses e partiu sem concluir o ato para o qual ali se deslocara.

O ex-combatente Zeferino Santana Ribeiro reforça a situação deplorável que vivia a população italiana durante a guerra, destacando também a ação dos alemães junto aos italianos, que em muitos casos saqueavam seus pertences e até mesmo itens básicos como comida e roupas tomados pelos nazistas.

A gente tinha contato com os italianos. Mas eles não tinham nada, eles não tinham nada não. Porque era o seguinte, os alemães, os alemães, por exemplo passava naquele lugar onde tinha vinho, e levava tudo embora. Então eles falavam assim, eles não falavam alemão, eles falavam tedesco, “tedesco portare via tutti” “tedesco cattivo, brasiliano buono”. É, foi isso aí mesmo³⁵

Em outro trecho de sua entrevista, Zeferino ressalta a solidariedade com que muitos pracinhas tratavam os italianos, repartindo com eles parte do que recebiam de suas guarnições:

Toda tarde nós recebíamos duas cartelas de cigarro, duas caixas de fósforo, dois tabletes de chocolate e uma goma de mascar. Então a gente guardava aquilo, muitos davam pra italianos, o general desconfiou, porque não gostavam que dava para os italianos. Então no tratamento eles são bons.³⁶

Ainda usando as palavras do ex-pracinha Zeferino Santana Ribeiro, que, aparentemente foi um dos entrevistados pela professora Caroline Martins Ojeda, o que mais evidenciou em suas palavras, sensibilidade aos males de que a guerra trazia aos civis das regiões por onde ele passou juntamente com a FEB, ele narra a seguinte situação:

³⁵ Entrevista concedida pelo ex-combatente Zeferino Santana Ribeiro, a Caroline Martins Ojeda, em 5 de novembro de 2013.

³⁶ Ibid. Id.

Aí quando foi...nós tão cansados que estávamos, outro dia quando acordamos o sol já estava alto. E vozeirada já de italiano, homem, senhora, moça, criança. Tudo pedindo as coisas. Me dava dó daquelas crianças. “chocolate brasiliani?”. Até cortava o coração da gente. Nós que dava, mas escondido não podia ver, por que eles não deixavam dar. Aquelas donas perguntavam se queria lavar roupa, nós dávamos corda para eles. Nós até dávamos roupa para eles lavar.³⁷

Ele é sucinto em afirmar várias vezes que os estadunidenses eram contra a ajuda que os pracinhas davam a população, tanto que os primeiros não o faziam, enquanto os brasileiros em muitas oportunidades que tinham ajudavam os civis, mesmo que de maneira escondida. Em muitos relatos, como o do próprio Zeferino, eles ressaltavam a tristeza que sentiam em ver, principalmente as crianças passando necessidades por causa da guerra.

As palavras abaixo narram a situação do soldado campinense Justino Alfredo³⁸, que apesar de não um ser um dos pracinhas entrevistados, deixa um relato, ante a essa situação e o que ele fez para ajudar.

Quatro meses após a chegada dos brasileiros à Itália, Justino e seus colegas de armas se deslocaram para um vilarejo da cidade de Lucca, onde conheceram um sapateiro, sua mulher e o filho, de apenas três anos chamado Gian Luigi, que passava dias sem ter o que comer. A família italiana tinha dinheiro, mas não havia onde comprar comida e o pai do menino não podia se arriscar muito longe de casa, onde se escondia no porão quando tropas alemãs apareciam, por causa do risco de ser levado para cavar trincheiras.

O soldado campineiro, sensibilizado pelo estado de desnutrição da criança, passou a separar diariamente parte da ração e do farto café da manhã, fornecido pelos americanos, que entregava ao menino. Isso foi feito cerca de um mês, até que os expedicionários se deslocaram para outro lugar. Como agradecimento, antes de ir embora, o pracinha de Campinas recebeu da família uma foto do garoto, com a frase que dizia, em italiano "Ao Justino, com tanto afeto. Gian Luigi Pierotti".³⁹

³⁷ Ibidem.

³⁸ Justino Alfredo foi um ex-soldado da FEB, que nasceu em Campinas, São Paulo, e lutou a Segunda Guerra Mundial junto com o corpo expedicionário.

³⁹MELLO, Fabio. História de um campineiro centenário na 2ª Guerra. <https://correio.rac.com.br/conteudo/2019/10/campinas_e_rmc/870423-historias-de-um-campineiro-centenario-na-2-guerra.html>. acesso em 15 de julho de 2020.

Nesse relato podemos perceber aquilo que já foi afirmado antes, em uma guerra, a população sofre com a falta, sobretudo de alimentos. A família do pequeno Gian tinha condições financeiras de comprá-los, porém não havia comida disponível, se não fosse a generosa ajuda do soldado Justino, talvez o menino se juntasse às estatísticas dos que morreram de fome durante o conflito – e que não foram poucos.

Mas não só drama e tragédia resumiam a convivência dos entre italianos e brasileiros durante a segunda guerra, havia também lugar para o romantismo e o namoro. São vários os relatos de namoros e casamentos entre soldados da FEB e mulheres italianas. O seguinte fragmento é parte da entrevista do ex-combatente negro Gabriel Ferreira de Jesus, 99 anos. Aqui ele relata e em outras partes da sua entrevista que as italianas tinham uma quedinha por soldados da FEB, principalmente negros.

Aí vinha um punhado de mulher italiana, não sei se vinha do serviço, e onde que tinha. Cada um trecho tinha um punhado. Aí teve uma que me espiou, aí desceu e de primeiro estava só eu de preto. Aí espiou “mama mia, que moro bello, podia bem andar em casa mia” falei “pronto, está vendo, já estão falando de mim”. Aí falei “pronto, aquela ali já estava...que que falaram?” “Estava chamando você de moro bello, moro bello que falam é bonito, moro é preto, e bello é bonito”. Falei “hã”.⁴⁰

⁴⁰ Entrevista do ex-combatente Gabriel Ferreira de Jesus, concedida a Caroline Martins Ojeda, em 21 de setembro de 2013, em sua residência, na cidade de Várzea Grande, Mato Grosso.



Figura 5: Soldados da FEB sendo saudados por moradores de Massarosa, Itália, 1944.

Fonte: < <http://www.anvfeb.com.br/>>, acessado no dia 28/09/2021

Esta foto ilustra a interação entre soldados brasileiros e a população italiana, onde homens, mulheres e crianças cumprimentam a guarnição brasileira, talvez em agradecimento pelo trabalho realizado nesta comuna invadida pelos alemães. No centro da foto aparece um soldado brasileiro negro, evidenciando a miscigenação da guarnição do exército brasileiro na Itália. É um importante registro da presença de pracinhas negros na Força Expedicionária Brasileira que atuaram na Segunda Guerra Mundial. A foto é um documento importante de investigação histórica sobre esta realidade ora estudada.

Uma das melhores histórias sobre “amores” durante a campanha brasileira na segunda guerra foi de um soldado que, lutando na Itália, acabou conhecendo uma mulher por quem segundo ele, se apaixonou perdidamente. Após um breve período de namoro os dois se casaram, porém ao fim do conflito, eles tiveram que se separar, assim como outros casais na mesma situação que eles, pois foi dada ordem de que as esposas italianas não poderiam embarcar com seus maridos para o Brasil.

Isso devastou esse soldado que em uma festa de comemoração no Brasil, contou sua história a um grande compositor na época chamado Vicente Celestino. O mesmo após a narrativa, acabou compondo uma linda música chamada *My Gioconda*, que fez muito sucesso em várias vozes famosas como a de Cristian e Ralf e Agnaldo Rayol. Posteriormente o soldado conseguiu trazer sua amada ao Brasil e eles são casados até os dias atuais.

Outro dos entrevistados, o senhor Manuel Aniceto, reforça a tese da boa relação entre brasileiros e italianos:

Então, os italianos eles são umas pessoas boas! Atenciosos! Vinham conversar com nós brasileiros. Eram tudo bom. Eles gostavam demais de nós. Eles falavam que gostavam muito do brasileiro.⁴¹

Com essas falas, gostaríamos de deixar entender o carinho que até hoje a população das comunas por onde a FEB passou, e de outras regiões da Itália, tem pelos soldados brasileiros. Sentimento esse, que pelas palavras dos ex-combatentes brasileiros parece ser recíproco, representado pelas homenagens feitas a eles todos os anos. Compreendemos também que apesar de estarem em um ambiente duro e cruel, muitos soldados brasileiros, ao menos os que deram depoimentos sobre o assunto, foram extremamente solidários como a situação dos civis existindo vários outros relatos atestando essa realidade. Percebe-se nas atitudes e falas da população italiana que os soldados brasileiros desempenharam o papel de “libertadores” da região em que lutaram para libertar a Itália da Alemanha nazista.

⁴¹ Entrevista ex-combatente Manuel Aniceto, concedida a Caroine Martins Ojeda, em 5 de novembro de 2013.

Nesse aspecto, é importante reforçarmos a atuação dos pracinhas em solo italiano, que lutaram muito e obtiveram ótimos resultados, apesar da perda de mais de 4 mil soldados brasileiros nesta guerra, conforme são ilustradas as suas conquistas no folheto abaixo:



Figura 6: Mapa do roteiro da FEB na campanha da Itália (1944-1945).

Fonte: <<https://www.antonioferreira.lrl.br/peca.asp?ID=2035>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

Esse folheto foi distribuído pelo gabinete foto cartográfico do *Ministério da Guerra*, em 1945, muitos não chegaram até os dias atuais, sendo que os existentes estão em sua grande maioria em museus ou acervos particulares de ex-pracinhas ou de seus familiares. Nele podemos perceber todos os caminhos que a FEB fez, desde o seu desembarque no porto de Nápoles até o fim da campanha em Susa.

No decorrer desses combates, a FEB teve mais sucesso do que derrotas. Foram mais de 20 mil soldados inimigos capturados, além de canhões, viaturas e cavalos aos milhares. As **Baixas Brasileiras na Segunda Guerra Mundial** foram proporcionalmente inferiores a de outros exércitos que lutaram em condições semelhantes nas mesmas regiões e em mesmo espaço de tempo. Dos brasileiros morreram 450 praças, 13 oficiais e 8 pilotos. Foram aproximadamente 12 mil feridos nos combates. Os soldados que morreram nas campanhas da Itália tiveram seus restos mortais cremados e transladados em 1960 para o Brasil, foram então enterrados no monumento no Rio de Janeiro que homenageia os sacrificados em combate. Para os vivos foi criada a **Associação Nacional dos Veteranos da FEB**, a qual procura manter viva a memória desses combatentes heroicos.⁴²

Uma campanha de vida ou morte, de encontros e desencontros, de perdas e vitórias, de experiências inesquecíveis, onde muitas histórias estão ainda por serem desvendadas a partir de investigações acerca desse universo.

⁴² GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. Baixas brasileiras na Segunda Guerra Mundial. <[Baixas Brasileiras na Segunda Guerra Mundial - História - InfoEscola](#)>. Acesso em 2 de novembro de 2021.

CAPÍTULO II

EM BUSCA DOS “PRACINHAS” NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS

A proposta do presente capítulo é analisar alguns livros didáticos de História do Ensino Fundamental e Médio, com o objetivo de observar a participação dos pracinhas brasileiros nos capítulos que abordam a Segunda Guerra Mundial, buscando essencialmente a presença de ex-combatentes negros que compunham as fileiras da Força Expedicionária Brasileira -FEB.

Para realizar esse trabalho de pesquisa, inicialmente observaremos as facilidades e dificuldades quanto ao uso do livro didático em sala de aula no nosso dia a dia enquanto professores. Na sequência desse estudo, apresentaremos a análise de dez livros didáticos pesquisados, sendo cinco do Ensino Fundamental II e cinco do Ensino Médio, trabalhados na disciplina de História nas escolas públicas do estado de Mato Grosso, destacando os capítulos específicos sobre a Segunda Guerra Mundial, em busca dos pracinhas negros da FEB que participaram desse conflito no período de 1944 a 1945.

O livro didático é até hoje uma das ferramentas mais utilizadas em sala de aula e mais atualizada no ensino básico. Muitos professores o usam para nortear seu dia a dia escolar, numa sequência didático-metodológica, por vários fatores: seja pela comodidade em se usar um material já pronto e institucionalizado, ou, pelo fato de ser o material mais acessível, tanto para o educador quanto para os alunos.

Além disso, muitos consideram uma vantagem ter todo o conteúdo já roteirizado, com a inclusão nos livros didáticos mais modernos, de um planejamento de aula que pode ser facilmente reproduzido pelo professor e enviado a coordenação de ensino, uma exigência em praticamente todas as instituições escolares. Além de ser um dos principais meios de se difundir o conhecimento na educação básica, como afirma Selva Guimarães Fonseca, em sua obra *Didática e prática de ensino de História*:

[...] O livro didático é um dos principais veiculadores de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre brasileiros com acesso à educação básica na rede pública de ensino [...].⁴³

Pelo ponto de vista prático, parece o material ideal, aquele que permite ao professor conseguir levar a sua aula de forma tranquila e os alunos poderem acompanhar todo o conteúdo de forma sistemática e própria. Além disso, os estudantes poderão continuar suas lições no conforto do seu lar, sem se preocupar com várias folhas de xerox e outros materiais complementares. Nesse sentido, é bem provável que esse professor focalize todo o conteúdo no livro didático: leitura, apresentação, exercícios, avaliações etc.

Porém, acreditamos que o texto do livro didático, apesar de ser o principal material a ser utilizado em sala de aula, não deve ser o único. Argumentação que também é afirmada por Selva Guimarães Fonseca:

[...] O livro didático é uma fonte útil para a cultura escolar desde que não seja mais considerado o lugar de toda a História, submetido a leitura crítica, com a ajuda interpretativa do professor e colocado em diálogo com outras fontes de estudos – acervos de museus e arquivos, livros não didáticos, produção literária e artística, podem por exemplos -, ele pode contribuir de modo significativo para a aprendizagem da História [...].⁴⁴

Renilson Rosa Ribeiro tem posição próxima ao afirmar que em seu livro intitulado: *O negro em folhas Brancas: Ensaio sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil, que:*

[...] Em linhas gerais, o uso apenas do livro didático acaba reduzindo o aluno e o professor a uma postura marcada pela passividade, uma vez que as

43 GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, Papirus, 2012, p.91.

44 Ibidem, 2012, p.106.

informações veiculadas por esse material são consideradas “verdades” prontas e acabada, sem possibilidade nenhuma de questionamento [...].⁴⁵

Acreditamos que a análise crítica de Ribeiro a respeito dessa realidade educacional no Brasil é relevante, pois muitas vezes o livro didático é praticamente imposto ao professor em alguns ambientes escolares, ficando os que resistem ao seu uso exclusivo, em alguns casos, até mesmo hostilizados. Nesse aspecto, alguns estudiosos mais radicais defendem até mesmo o fim desse material. Porém não podemos acreditar que a melhor solução é a exclusão do livro didático em sala de aula por alguns fatores, tais como:

1º - o livro didático é uma fonte histórica como qualquer outra, pois até a sua inadequação se for o caso, pode ser utilizada como forma de crítica ao mesmo, gerando assim debates, discussões e uma ótima explanação em sala de aula;

2º - geralmente o livro didático é a ferramenta metodológica que os governos menos abrem mão, pois vai tempo vem tempo e o livro didático continua sendo fornecido às escolas de ensino fundamental e médio, muito devido as altas cifras que esse tipo de negócio movimenta;

3º - se a História pode ser compreendida como “o estudo das ações do homem no tempo”, o próprio livro faz parte dessas ações. Estudos já foram feitos sobre a história do livro didático em vários países inclusive o nosso, por diversos autores e pesquisadores de referência na área de prática de ensino de história em nível nacional.

Apesar disso, o livro didático não é livre de críticas e observações a seu respeito, por isso é estudado e cada vez mais aperfeiçoado pelos profissionais da educação. Uma das críticas mais comuns é que ele simplifica demais o conteúdo histórico. Isso de fato acontece, embora não de forma impensada ou por comodidade, o que é defendido por Selva Guimarães Fonseca:

⁴⁵ RIBEIRO, Renilson Rosa. O negro em folhas brancas: Ensaio sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX). Curitiba, Appris, 2019. p. 21.

A necessidade de simplificação, para alguns especialistas em uma função pedagógica: auxiliar na implementação dos programas de ensino nos planejamentos de unidade e na sequência lógica dos conteúdos. Outra função bastante difundida é oferecer aos alunos uma visão de toda a história, ou seja, da história geral difundida pelos europeus a história do Brasil dos cumprimentos da atualidade e em alguns aspectos a história da América.⁴⁶

Motivos nobres? De certa forma sim, não há como negar que essa simplificação ajuda muito, tanto no entendimento de uma história linear e em dar ao estudante uma visão geral do mundo, com estudos sobre eventos que influenciam muitas coisas do seu dia-a-dia, como hábitos culturais, tecnologia e temas raciais.

Porém essa simplificação tem seus males, alguns deles bem graves, como vários estudiosos defendem é o mal da exclusão. Afinal, se o conteúdo foi simplificado é porque algo deixou de ser apresentado. E como geralmente essa escolha é feita? Pelo que viemos analisando nos livros didáticos que tivemos acesso, é geralmente uma escolha etnocêntrica e principalmente eurocêntrica, ou seja, para nós o livro didático é um dos maiores expoentes no quesito de apresentar a história dos vencedores. Além disso, como é de praxe, os vencidos são deixados de lado, ou diminuídos na narrativa dos seus antagonistas.

Outra crítica ao livro didático deve-se à chamada “indústria do livro”, que movimenta cifras bilionárias todos os anos, através de grandes editoras que viram seus ganhos aumentarem exponencialmente devido ao fornecimento desse material ao governo e às escolas particulares, como bem diz Selva Guimarães Fonseca:

Assim, houve um crescente apoio do Estado a indústria editorial e à massificação do livro didático no Brasil. O livro didático tornou-se uma das mercadorias mais vendidas no campo da indústria editorial e o governo um dos maiores compradores de livros.⁴⁷

⁴⁶ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP; Papyrus, 2012. p. 97.

⁴⁷ Ibidem, 2012, p. 95

Mas qual a crítica nisso? Se o livro é uma mercadoria ele é produzido para atender a necessidades específicas de um público geral ou específico, como qualquer produto produzido atualmente, porém que necessidades e que público é esse? O público é bem claro: deveria ser os alunos da educação básica, com toda uma carga de conhecimento a ser apreendido, mas será que esse livro é pensado totalmente neles?

Nossa tendência é achar que não, pois como muitos autores defendem, o livro didático ainda tem um potencial muito grande de propagar ideologias e perpetuar preconceitos. Assim, urge a necessidade de inclusão de conteúdos temáticos mais abrangentes e reflexivos, no processo de formação da consciência histórica dos alunos do ensino básico, buscando, principalmente, combater o racismo e o preconceito.

Apesar disso, acreditamos que o livro didático é uma ferramenta muito útil para o trabalho do professor desde que, esteja sempre sujeito a críticas, e que o discente nunca o abrace como fonte única do saber e da verdade, conforme comentário de Selva Guimarães Fonseca:

[...] Em sala de aula, eles precisam ser ampliados, complementados, criticados, revistos. O professor deve ter uma posição crítica, nunca de submissão, em relação ao livro de história, que, como todo texto, toda fonte merece ser questionada problematizada e amplamente explorada com os alunos [...].⁴⁸

E aí está o outro ponto que serve para contrapor aos argumentos dos que defendem o fim do livro didático: a sua problematização. Esse é um dos muitos usos para ele, mas que poucos exploram. O simples fato de o livro didático precisar ser complementado já se torna um fator de contestação e, ao fazer isso, admitimos que ele não tem uso e função adequados ao sistema educativo brasileiro:

⁴⁸ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP; Papirus, 2012, p.107

Diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores de história na atualidade. Superar a relação de submissão e não ceder à sedução exclusivista do livro didático requer uma postura de criticidade diante do conteúdo veiculado.⁴⁹

Muitos colegas que trabalharam quase a sua vida profissional inteira usando o livro didático como suporte principal/único em suas aulas, tem tendência a se tornarem resistentes às mudanças, como o uso de novas tecnologias e outras fontes para se trabalhar no ambiente escolar. Às vezes, determinadas equipes gestoras preferem que o professor se atenha mais ao uso do livro didático, pois como muitos dizem: “É para isso que ele está aí, para ser usado, então use-o”.

Mas, uma nova geração de professores que emerge há algum tempo e que é mais adepta aos novos tempos tem se mostrado disposta a mudar essa situação. Professores que, desde a sua formação acadêmica são instrumentalizados a diversificar suas estratégias de ensino na prática docente, buscam utilizar novas fontes e recursos didáticos que vão além do texto básico, apesar das resistências internas de seus pares nas instituições escolares.

É perceptível, em nossa experiência como docente do ensino fundamental e médio e de convívio com outros colegas professores que, a certo modo se acomodaram com o uso do livro didático. Se deixaram seduzir pelas facilidades que ele oferece e de certa forma, muitas equipes gestoras também incentivam seu uso, freando, direta ou indiretamente, as ações daqueles que querem fazer diferente. Dessa forma recorreremos novamente às reflexões de Selva Guimarães Fonseca:

Nesse sentido, deixo como “provocação” a necessidade de ousadia contra submissão e a imposição, no sentido amplo e educativo do livro didático. Nem tudo é livro didático: o ensino se dá por múltiplos

⁴⁹ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP; Papirus, 2012, p. 56.

caminhos; logo a produção de materiais didáticos, vinculada a realidades específicas de aprendizagens, deve ser apoiada e valorizada [...].⁵⁰

Um dos motivos dessa “rebeldia” a nosso ver é tentar adequar o livro a todas as realidades possíveis. E arriscamos dizer que uma criança negra ao olhar para um livro didático de pouco tempo atrás e até mesmo em muitos atuais, terá uma chance muito grande de ver apenas personalidades brancas sendo exaltadas ou, no mínimo, citadas. Assim essa mesma criança pode se sentir inferior por causa da cor da sua pele, devido à falta dessa representatividade nas páginas dos livros didáticos estudados, ou seja, a exclusão de conteúdos voltados para o entendimento da diversidade sociocultural em que vivemos.

O que dizer ao aluno que estuda um livro didático sem nenhuma referência às pessoas negras como ele? O sistema de ensino é realmente inclusivo? Qual o entendimento do aluno ao ver os seus antepassados apenas na figura de escravos?

Sobre esses questionamentos recorreremos novamente aos estudos de Renilson Rosa Ribeiro, que assim diz:

O livro didático e o sistema escolar ao colocar o negro na posição marginal – de “escravo coisa”, “massa de manobra”, “excluído”, “vítima indefesa”, “incapacitado”, “aríete” entre “outras expressões” presente nos trabalhos desses autores – contribuem para a construção de uma imagem negativa e condenada do negro e seus descendentes e para a “evasão” da criança negra, uma vez que esta não se identifica com o universo construído em “folhas brancas”.⁵¹

Nesse aspecto, Gláucia Fraccaro que faz o seguinte comentário:

⁵⁰ GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP; Papyrus, 2012, p.107.

⁵¹ Ribeiro, Renilson Rosa. O negro em folhas Brancas Ensaio sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX). Curitiba, Appris, 2019, p.46.

[...]A criança negra ao ler isso, pode acreditar que tem este papel, de gerar riqueza, ainda que nos dias atuais, ou mesmo, indignar-se ao ver que os seus antepassados funcionaram como fonte de riqueza e não tiveram nenhum outro tipo de papel [...].⁵²

Por isso, defendemos que os livros didáticos de História sejam pensados e repensados, com conteúdo mais abrangentes, diversificados e inclusivos, não ficando somente focados em carregar em suas páginas os grandes feitos históricos. Que o aluno, seja ele, negro, branco ou indígena possa encontrar em seu material didático referências com as quais se identifique e possa desenvolver o gosto pela disciplina de história.

Nessa perspectiva, que o livro didático também inspire os docentes a buscar novas fontes para complementá-lo. Provavelmente nunca estará completamente consonante com as ideias de cada professor que o usará, mas que o mesmo não se conforme e se adapte ao livro, ao contrário, que ele adapte o livro às suas necessidades. Na prática isso vem contribuir para o melhor desenvolvimento do docente em suas jornadas escolares.

Análise dos livros didáticos: onde estão os pracinhas negros?

Para realizar essa proposta de análise dos livros didáticos de história utilizamos as publicações das editoras: Moderna, Saraiva, Ática e Scipione, comumente adotados nas escolas públicas do estado de Mato Grosso. Assim, pretendemos descobrir se esses livros contemplam a história da Força Expedicionária Brasileira e se existe alguma menção à guarnição de pracinhas negros, bem como observando se os afrodescendentes estão se fazendo representados nas páginas dos livros didáticos, ao menos nesse quesito, a sua participação no Exército Brasileiro e na defesa nacional nesse período.

Adiantamos que, por encontrarmos muito pouco conteúdo sobre o assunto em cada livro, elencamos todos os livros pesquisados para analisar a presença ou não dos pracinhas

⁵² FACCARO, Gláucia. p.84

negros nas páginas dos livros didáticos de história selecionados, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 – Livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio analisados para compor o trabalho de pesquisa sobre os pracinhas e a Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

| Livros didáticos | | | | | |
|------------------|------------------------------------------------------|------------------------------|-------------------|----------|----------------------------------------------|
| Nº | Coleção | Público-alvo | Ano de Publicação | Editora | Autores (as) |
| 1 | Araribá mais História | 9º ano do ensino fundamental | 2018 | Moderna | Ana Cláudia Fernandes ⁵³ |
| 2 | Estudar História- das origens do homem a era digital | 9º ano do ensino fundamental | 2018 | Moderna | Patrícia do Carmo Ramos Braick ⁵⁴ |
| 3 | História - Escola e Democracia | 9º ano do ensino fundamental | 2018 | Moderna | Flavio Campos ⁵⁵ |
| 4 | Historiar | 9º ano do ensino fundamental | 2018 | Saraiva | Gilberto Cotrim ⁵⁶ |
| 5 | História.doc | 9º ano do ensino fundamental | 2018 | Saraiva | Ronaldo Vainfas ⁵⁷ |
| 6 | História Geral e do Brasil | 3º ano do Ensino Médio | 2013 | Scipione | Cláudio Vicentino ⁵⁸ |
| 7 | História | 3º ano do Ensino Médio | 2016 | Saraiva | Ronaldo Vainfas |
| 8 | História Global | 3º ano do Ensino Médio | 2016 | Saraiva | Gilberto Cotrim |
| 9 | História em Movimento | 3º ano do Ensino Médio | 2013 | Ática | Gislane Campos Azevedo ⁵⁹ |
| 10 | Olhares da História | 3º ano do Ensino Médio | 2016 | Scipione | Cláudio Vicentino |

⁵³ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2010), bacharel e licenciada em História pela mesma universidade. Editora e elaboradora de conteúdo didático.

⁵⁴ Autora de livros didáticos de História publicados pela Editora Moderna/Grupo Santillana. Possui mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003).

⁵⁵ Formado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1993) e doutor em História Social também pela USP (2000). Professor de História Medieval do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

⁵⁶ É historiador graduado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e licenciado pela Faculdade de Educação da USP. É mestre em Educação e História da Cultura pela Universidade Mackenzie e cursou filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

⁵⁷ Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (1978), mestre pela mesma Universidade em História do Brasil (1983), Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

⁵⁸ Cláudio Vicentino é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP); professor de cursos pré-vestibulares e de Ensino Médio. É autor de várias obras, didáticas e paradidáticas para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

⁵⁹ Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora universitária, pesquisadora e ex-professora de História dos ensinos Fundamental e Médio das redes pública e particular de ensino.

Os livros serão analisados de acordo com a tabela acima, começando pelo livro de ordem decrescente, sendo os cinco primeiros referentes ao 9º ano do Ensino Fundamental II e o restante será equivalente ao 3º ano do Ensino Médio. A escolha dos livros didáticos, como já mencionado anteriormente, foi sobre o material em disponibilidade do que seletiva. Devido as restrições da pandemia, com as escolas fechadas e sem acesso para pesquisa, obtive poucos livros didáticos para pesquisa.

Para melhor explicitar o método de análise desses materiais didáticos, eles foram submetidos a um questionário de dez perguntas com o intuito de evidenciar os pontos que julgamos importantes para compor a proposta de estudo acerca do conteúdo sobre a FEB e os pracinhas negros.

Quadro 3: Itens a serem buscados sobre a FEB e os pracinhas negros nos livros didáticos

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Apresenta alguma referência sobre a FEB? |
| 2. Menciona a FAB (Força Aérea brasileira)? |
| 3. Apresentam algo sobre a interação dos pracinhas com a população italiana (mesmo que indireta)? |
| 4. Falam sobre sua atuação em solo italiano (batalhas, dificuldades, vitórias, derrotas, conquistas, entre outros)? |
| 5. Apresentam algum pracinha (Falando sobre ele, sobre sua história de vida ou ao menos mencionando-o)? |
| 6. Fala sobre a importância da FEB para a História do Brasil? |
| 7. Explica termos típicos da FEB (pracinha, Canção do expedicionário, símbolo da FEB entre outros) |
| 8. Fala da FEB em seu Capítulo sobre a Segunda Guerra Mundial? |
| 9. Apresenta um conteúdo satisfatório sobre a FEB (ao menos cinco das opções acima)? |
| 10. Apresenta alguma referência aos pracinhas negros da FEB (mesmo que indireta)? |

Cada livro será analisado individualmente e essa análise será feita com base nos itens apresentados acima. Posteriormente, será apresentada uma tabela com os itens por nós encontrados em cada livro evidenciando assim quais a nosso ver apresentam um

conteúdo satisfatório sobre a FEB e se eles apresentam referências sobre os pracinhas negros.

Ao final comentaremos os itens do quadro 5, já baseados nos dados obtidos na análise dos livros didáticos e incluindo nossa análise sobre as incidências ou não desses itens nesses materiais didáticos.

Começemos pelo livro da coleção *Araribá Mais História*, publicada pela editora Moderna, em 2018. Essa coleção é composta por quatro volumes, para os anos do Ensino Fundamental II. Estes são os livros que estão usando na rede municipal de Várzea Grande este ano. Ateremos ao do 9º ano, mais precisamente no capítulo 9, intitulado *O retorno da democracia*:

Em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. Dois anos depois, foram enviadas tropas para combater os nazistas na Itália, conhecidas como Força Expedicionária Brasileira (FEB). Esse desfecho pareceu surpreendente para os observadores do governo de Getúlio Vargas, pois muitos consideravam que ele, chefe de um governo ditatorial e ao mesmo tempo um líder que mobilizava as massas, parecia se aproximar mais de Mussolini e Hitler do que dos governos liberais. No entanto, a influência econômica e política de países como Inglaterra e Estados Unidos pesou bastante na decisão. Internamente, criava-se uma contradição: como um país que lutava ao lado de países democráticos contra os governos totalitários nazifascistas mantinha, em seu próprio país, uma férrea ditadura? [...].⁶⁰

Por mais importante que a FEB tenha sido na questão da queda do Estado Novo, vemos que o livro relega à Força Expedicionária Brasileira somente esse papel. Ele não aborda a atuação da FEB, bem como dos pracinhas em solo italiano que poderia ser melhor abordada. Fica evidente aqui, que o assunto para os autores, não foi relevante, pelo menos nessa apresentação, para conter mais detalhes sobre o ele. Ficando mais presos a questão da sua importância no governo Vargas, de acordo com a proposta do capítulo. O fato de não colocar nenhuma menção a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, juntamente com o capítulo do referido livro é evidência disso.

⁶⁰ CLAUDIA, Ana. *Araribá: Mais História*. São Paulo, Moderna, 2018.

No entanto, essa Unidade apresenta uma fotografia da FEB, importante registro de soldados brasileiros em solo italiano na Segunda Guerra Mundial.



Figura 7: Soldados Brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, Itália, setembro de 1944.

Fonte: Cláudia, Ana. Araribá: Mais História, 9º ano, 2018.

Nesta foto, a guarnição brasileira encontra-se aparentemente em posição de descanso, próximo a uma cidade italiana. O contexto da fotografia não especifica o lugar onde foi capturada esta imagem e nem a autor da foto. Informa apenas que foi na Itália. O que é bem vago, visto que a FEB atuou por várias partes da Itália e passou por várias comunas italianas ajudando a libertar outras cidades, coisa que nem um momento é ressaltada no livro.

O segundo livro, também do 9º ano, pertence à coleção *Estudar História: das origens do homem à era digital*, também publicada pela editora Moderna em 2018, sendo ele o quarto volume. Analisaremos mais precisamente um adendo do capítulo 6 sobre *A Segunda Guerra Mundial*, intitulado *O Brasil na Segunda Guerra Mundial, que assim diz:*

[...] Desde o início da guerra, o Brasil procurou manter publicamente a neutralidade. Essa política garantiu boas exportações de produtos

brasileiros para os países em conflito, de ambos os lados. Além disso, o então presidente Getúlio Vargas ambicionava criar no Brasil uma indústria de base e negociava, tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos, recursos e tecnologia para a construção de uma usina siderúrgica no país. Quando a Alemanha demonstrou interesse em enviar mão de obra especializada e dinheiro para a instalação da usina no Brasil, os Estados Unidos, sob o governo de Franklin Roosevelt, agiram com rapidez e ofereceram uma ajuda de 20 milhões de dólares ao governo brasileiro, que foi aceita de imediato. Assim, após a entrada dos Estados Unidos no conflito, o Brasil foi pressionado a apoiar publicamente as forças aliadas e a ceder pontos estratégicos no Nordeste do país para a instalação de bases aéreas estadunidenses. Em 22 de agosto de 1942, navios brasileiros carregados de mercadorias e alimentos destinados aos Aliados foram atacados por submarinos alemães.

Esse episódio levou o presidente Vargas a declarar guerra ao Eixo. A participação do Brasil no conflito levou à criação, em 1943, da Força Expedicionária Brasileira (FEB), uma divisão de guerra da infantaria do exército brasileiro. As tropas da FEB, treinadas pelos estadunidenses e incorporadas às forças aliadas, foram enviadas para combater na Itália. Ao todo eram cerca de 25 mil soldados, que ficaram conhecidos como pracinhas. [...].⁶¹

Ele já coloca o conteúdo da FEB na parte referente a Segunda Guerra Mundial, porém praticamente aborda a sua atuação, nem mesmo para onde a Força Expedicionária Brasileira foi enviada após sua entrada na Guerra. Acreditamos que isso deixou o tema incrivelmente vago, mitigando mais uma vez o aprofundamento do assunto a respeito das atuações dos pracinhas na Itália.

De acordo com o relato da autora Patrícia do Carmo Ramos Braick, o fato de Getúlio Vargas ter criado a Força Expedicionária Brasileira e de tê-la enviado para combater as forças do Eixo é bastante surpreendente, pois pelo fato do Brasil viver a ditadura do Estado Novo sua forma governo era muito mais próximo aos nazifascistas como Mussolini, Hitler e Hirohito. Logo, causou certo estranhamento sua atitude de enviar tropas brasileiras lutar contra uma ditadura na Itália sendo que, como já comentado, existia uma ditadura no Brasil.

⁶¹ BRAICK, Patrícia Ramos, *Estudar história: das origens do homem à era digital: manual do professor* / Patrícia Ramos, Braick, Anna Barreto. 3. ed. São Paulo. Editora: Moderna, 2018

Essa realmente é uma ideia que por nós professores é muito abordada em sala de aula. Como pode um governo ditatorial lutar ao lado de governos democráticos contra outras ditaduras? Isso evidencia que a atuação da FEB foi muito mais do que apenas uma tropa de soldados, pois apenas a sua existência, colocava em xeque a ditadura varguista. Somente isso já merecia melhor atenção e aprofundamento sobre o assunto dentro do próprio livro, ou seja, um capítulo à parte para discutir essa questão.

Enfim, este é um dos poucos livros observados que explica o termo pracinha, mas não vai além disso. Outro ponto positivo é que o livro reserva uma parte para mostrar um ex-combatente da FEB em idade avançada, o Coronel Sergio Gomes Pereira. Este ex-combatente exerceu as funções de Comandante do 2º Pelotão da 8ª. Companhia do III/11º Regimento de Infantaria (Regimento Tiradentes). No período de dezembro de 1960 a fevereiro de 1962, serviu no III/2º RI (Batalhão Suez), no Oriente Médio. Falecido em 2017.



Figura 8: Sergio Gomes Pereira, veterano da Segunda Guerra Mundial, aponta para as fotos da Força Expedicionária Brasileira durante a campanha na Itália. Rio de Janeiro, foto de 2005.

Fonte: BRAICK, Patrícia Ramos, Estudar história: das origens do homem à era digital, 2018.

Nesta imagem, Sergio Gomes Pereira está apontando para as fotos em um mural que registram a participação dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial. Pode-se observar

que, provavelmente, o ex-comandante está fazendo uma explanação sobre os registros de guerra e o que nos faz deduzir que esteja contando a sua experiência nos campos de batalha na Itália, na condição de ex-combatente da FEB, neste conflito internacional do século XX.

Esta é uma parte que consideramos importante, de relatos de guerra feita pelos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, que, na maioria dos livros é insuficiente. Dar voz a esses sujeitos comuns da história, já em idade avançada, onde a sua experiência de guerra se torna importante para reconstruir particularidades desse conflito, nesse caso, muitos morreram e não tiveram a oportunidade de contar a sua história. Em muitos livros didáticos que tratam das grandes guerras mundiais é comum encontrarmos relatos de ex-soldados de outras nacionalidades, mas aos ex-pracinhas aparentemente esse não é um campo onde eles tenham ou tiveram a visibilidade merecida.

É claro que isso não precisaria ser necessariamente somente sobre as suas experiências em campo de batalha, mas também sobre o seu contexto social antes e depois da guerra. Sobre as dificuldades enfrentadas ou observadas por eles durante a sua reintegração à vida civil, sobre a luta por um reconhecimento que até hoje não veio, observadas nas palavras do ex-pracinha mato-grossense Agostinho da Motta, ao afirmar que viu vários de seus ex-companheiros serem enterrados praticamente como indigentes, sendo que há apenas a relativo pouco tempo que o exército passou a fornecer as honras militares aos ex-febianos falecidos em batalha.

Acreditamos que a imagem 13 é um pouco do que realmente já deveria ter sido feito em homenagem aos soldados da FEB. Que o livro didático fosse um espaço para dar visibilidade aos ex-combatentes da FEB e que pudessem contar suas histórias, sua trajetória de vida, experiências, temores, rancores, alegrias e com isso, ajudassem a permitir que a Força Expedicionária fosse tão desconhecida pelos brasileiros.

Já o terceiro livro, também da editora Moderna, pertencente à coleção História: Escola e Democracia, que conta com quatro volumes para cada ano do ensino fundamental, sendo o analisado destinado aos alunos do 9º ano, especificamente a seção: *O fim do Estado Novo que se encontra localizado no capítulo sobre A democracia populista:*

[...] Em 1943, a ditadura do Estado Novo começou a apresentar sinais de crise. Pressionado pelos Estados Unidos para apoiar os Aliados na guerra contra a Itália fascista e a Alemanha nazista, Vargas acabou concordando, apesar da simpatia de integrantes de seu governo por esses regimes totalitários. Em janeiro de 1942, o governo brasileiro rompia as relações diplomáticas com os países do Eixo. Como represália, submarinos alemães passaram a atacar navios mercantes do Brasil. Em 31 de agosto de 1942, o governo Vargas declarava guerra à Alemanha, Itália e Japão. A entrada na guerra ao lado dos Estados Unidos e Aliados significava alinhar o Brasil com os países democráticos e contra os regimes ditatoriais, uma contradição direta com o fato de o país viver sob uma ditadura. [...].⁶²

Aqui fica evidente que a participação brasileira na segunda guerra é praticamente ausente no livro, esse trecho de cima é a única referência próxima a isso. Novamente, como nas outras coleções abordadas anteriormente, é evocada a contradição de uma ditadura ser contra outra ditadura, pois os pracinhas não são lembrados aqui.

Seguindo adiante, o próximo livro do 9º ano de ensino fundamental pertence à Coleção *Historiar* e foi publicado pela Editora Saraiva no ano de 2018. Analisaremos o subcapítulo - *Brasil na Segunda Guerra*. Ele é o quarto volume da coleção, como referência a FEB podemos citar:

[...] De 1939 a 1945, ocorreu a Segunda Guerra Mundial, que será estudada no Capítulo 8. Durante os dois primeiros anos de conflito, Getúlio Vargas desenvolveu uma política externa ambígua, sem apoiar declaradamente nenhuma das partes em conflito, contudo, a partir de 1941, o governo brasileiro fez acordos com os Estados Unidos para apoiar os Aliados contra o nazifascismo.

Em troca o governo dos Estados Unidos financiou a construção da Companhia Siderúrgica Nacional. O governo brasileiro forneceu borracha e minério de ferro para os aliados e permitiu que os militares estadunidenses utilizassem bases no nordeste do país.

62 CAMPOS, Flavio, História: Escola e democracia, Flavio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Editora: Moderna, 2018.

Os nazistas reagiram à cooperação entre brasileiros e Aliados. Submarinos alemães afundaram navios brasileiros. Então o governo do Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942.

Em 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi deslocada para a Itália, participando de batalhas em Monte Castelo, Castelnuovo e Fornovo. [...].⁶³

Aqui já vemos que a FEB é mencionada e um pouco da sua participação no conflito, pelo menos citando algumas de suas batalhas, principalmente a de Monte Castelo. Mais à frente a FEB é citada no subcapítulo: *Frente Ocidental*:

[...] Os aliados retomaram a ofensiva no território da Itália, reconquistando Roma e avançaram até o norte, onde ainda havia resistência das tropas alemãs. Durante essa campanha, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) participou da luta contra o Nazismo [...].⁶⁴

Aqui o livro já apresenta o local onde a FEB lutou e ressalta a participação da mesma na luta contra o Nazismo. Essa é uma informação que por mais óbvia que seja tem que ser sempre ressaltada e apresentada aos alunos, que a FEB participou da campanha italiana contra as tropas nazifascistas. Acreditamos que poderia ter inserido mais informações de como foi essa luta e as dificuldades e vitórias que a força expedicionária contornou e obteve ali.

Este livro ainda apresenta um adendo destinado, única e exclusivamente, à Força Expedicionária Brasileira, onde entre outras coisas, apresenta aos alunos a imagem da cobra fumando (símbolo da FEB), uma imagem de soldados da FEB posando para a câmera durante sua atuação em solo italiano, mais precisamente na tomada de Monte Castelo, e um folheto que visava a pressionar o governo brasileiro a enviar soldados para combater no *front* europeu.

⁶³ CAMPOS, Flavio, História: Escola e democracia, Flavio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Editora: Moderna, 2018, p .66.

⁶⁴ CAMPOS, Flavio, História: Escola e democracia, Flavio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Editora: Moderna, 2018. p.122.

Embora acreditemos que essa parte poderia detalhar melhor a atuação dos soldados brasileiros durante a campanha na Itália, já é um ponto fora da curva ter esse destaque sobre a FEB em um dos livros didáticos analisados

Painel

Força Expedicionária Brasileira

Entre setembro de 1944 e junho de 1945, mais de 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foram enviados para lutar na Itália. Desse total, quase 3 mil se feriram e 465 morreram em combate.

1  REPRODUÇÃO DE WIKIMÉDIA COMMONS

A cobra fumando, símbolo dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália.

2  REPRODUÇÃO DE WIKIMÉDIA COMMONS

Ilustrações do folheto *Seja o juiz entre o Império Britânico e o Terceiro Reich*. Centro de Memória da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

Na fotografia, membros que participaram do ataque da FEB em Monte Castello, Itália. Fotografia de 1945.

3  AGÊNCIA FRANCE PRESSE

- Os soldados brasileiros, chamados de pracinhas, escolheram como símbolo da FEB uma cobra fumando cachimbo. Era uma resposta àqueles que diziam ser mais fácil uma cobra fumar do que os brasileiros conseguirem combater os bem treinados soldados nazistas.
- As ilustrações do folheto de propaganda antinazista *Seja o juiz entre o Império Britânico e o Terceiro Reich* comparavam a Eslováquia, ocupada pelos alemães, e a Irlanda, que fazia parte da Grã-Bretanha. Publicado em português, esse folheto com mais de 20 páginas procurava pressionar o governo brasileiro a enviar soldados para lutar contra alemães e italianos na Europa.
- O primeiro combate com a participação dos soldados da Força Expedicionária Brasileira ocorreu em setembro de 1944. A última ação da FEB foi em abril do ano seguinte. A batalha mais conhecida foi a de Monte Castello, com vitória dos pracinhas, que aparecem na fotografia acima, de 1945.

Unidade 2 | Capítulo 8 | Segunda Guerra Mundial

Figura 9: Apêndice do livro III do ensino fundamental focado na FEB
Fonte: CAMPOS, Flavio, História: Escola e democracia, 2018.

O próximo livro a ser analisado pertence à coleção *História.doc*, da editora Saraiva e publicado pela mesma no ano de 2018. Ele é quarto volume da coleção destinada ao 9º ano do ensino fundamental. Analisaremos a seção: *Segunda Guerra Mundial*, que se encontra no Capítulo 7: *Governo Vargas e reformas sociais no Brasil*.

[...] Em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. O governo Vargas preservou a neutralidade do Brasil, mas procurou tirar proveito do conflito, mantendo o comércio tanto com os Estados Unidos como com a Alemanha.

Quando os Estados Unidos entraram em guerra, 1941, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo. Submarinos alemães atacaram navios brasileiros, causando centenas de mortes.

Em agosto de 1942, o governo brasileiro declarou guerra a Alemanha e criou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por mais de 25 mil soldados que foram lutar contra as tropas alemãs na Itália.

Os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt chegaram a acordos: os Estados Unidos cederiam tecnologia e financiam a construção da usina siderúrgica, a CSN, e reequipariam o Exército brasileiro. O Brasil cederia base militares nas cidades de Natal e Recife e na ilha de Fernando de Noronha. [...].⁶⁵

Logo abaixo o livro ainda deixa a seguinte informação complementar.

Os soldados brasileiros da FEB criaram um símbolo próprio: Uma cobra fumando um cachimbo, também inventaram o seu lema: “a cobra vai fumar”.

Pesquise porque adotaram esse lema. [...].⁶⁶

Apesar de ter explanado sobre o símbolo da FEB, a informação sobre a participação brasileira no conflito se resume em dizer que eles foram lutar na Itália, mitigando o

⁶⁵ VAINFAS, Ronaldo, *História.doc*. 9º ano 2ª ed. São Paulo: Editora: Saraiva, 2018, p.126

⁶⁶ *Ibidem*, 2018, p.126.

protagonismo que os pracinhas tiveram durante a campanha, assim como o da exposição dos seus erros e acertos.

O ponto positivo deste livro é indicação de outras fontes de leitura e conhecimento sobre esse assunto. Deixa algumas sugestões de filmes e livros, como: *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*, de Francisco Ferraz, publicado em 2005; *Brasil: Os frutos da GUERRA* de Neil Lochery, publicado em 2015; *Barbudos, sujos e fadigados – soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*, de César Campiani Maximiano, 2010; e o *Brasil na mira de Hitler: A história do afundamento dos navios brasileiros pelos nazistas* de Robert Sander, publicado em 2002.

Ele também recomenda obras cinematográficas que tratam da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que seriam: *A estrada 47*, filme brasileiro de Vicent Ferras que foi às telas em 2013; *A Cobra Fumou*, filme brasileiro de Vinicius Reis que estreou em 2002; e o *Rádio Auriverde* de Sylvio Bacy, 1991.

Acreditamos que o uso dessas fontes contribui imensamente o educando na compreensão do que foi a campanha brasileira na Itália, visto que já percebido em nossas experiências em sala de aula que uma maior variedade de fontes ajuda a tornar a aprendizagem mais eficaz e prazerosa ao aluno. Interessante, pois muitos materiais são por nós utilizados em sala de aula e consideramos importância na contribuição nesta pesquisa. O livro Campiani realiza uma boa e crítica sobre o assunto a respeito da FEB.

Acreditamos que é essencial que os livros didáticos apresentem outras fontes de pesquisa e que nós enquanto professores, incentivemos os alunos a buscá-las e apresentarmos aos alunos. Seja através de imagens e documentos, com consultas a acervos virtuais, caso a unidade possua laboratório de informática ou os mesmos possuam celulares com acesso a informática e expondo conteúdo audiovisual para a sua análise e reflexão sobre o tema.

Diante dessa primeira análise, não encontramos registros de pracinhas negros nos livros didáticos destinados ao ensino fundamental, somente menções generalizadas acerca da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, sem quaisquer aprofundamentos sobre essa particularidade. Nessa perspectiva, essa pesquisa nos instiga a discutir sobre a

importância de os docentes buscarem novas fontes de leitura e conhecimento para suprir essa falta nos livros didáticos de história e complementar os estudos realizados em sala de aula, auxiliando os discentes na construção de ferramentas pedagógicas.

Livros didáticos do Ensino Médio

Nesta seção de capítulo analisaremos livros do ensino médio, também em busca de informações sobre a atuação brasileira na segunda guerra mundial e informações sobre os pracinhas negros. Por serem livros que na teoria devem carregar um conteúdo mais complexo, esperamos encontrar aqui mais informações sobre o tema pesquisado.

O primeiro a ser analisado será o volume 3 da coleção *História Geral e do Brasil*, publicado em 2013, pela editora Scipione. Ele é destinado aos alunos do 3º ano do ensino médio e apresenta em seu conteúdo algumas referências sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, tais como esta, localizada no Capítulo 6, intitulado: *Vargas de 1930 a 1945*, mais precisamente no subcapítulo chamado: *A crise do Estado Novo e a redemocratização*:

[...] A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados criou uma situação insólita: combatia-se a ditadura fascista na Europa, enquanto no Brasil se mantinha um regime ditatorial, embora desgastado, inspirado nesse mesmo fascismo. [...]

[...] Vargas começava a dar sinais de abrandamento da ditadura: em 28 de fevereiro, decretou uma emenda constitucional regulamentando a criação de partidos políticos e marcando eleições gerais para o final de 1945.

Na verdade, Getúlio percebeu que a redemocratização era inevitável, e o iminente final da guerra, com o retorno dos “pracinhas” da FEB, só iria acelerar o processo. Muitos acreditavam que essa volta facilitaria um golpe para depor o presidente: após derrotar a ditadura na Europa, a FEB completaria seu trabalho fazendo o mesmo no Brasil. [...].⁶⁷

⁶⁷ VICENTINO, Cláudio. *História geral e do Brasil* / Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2013. p.106.

Para muitos, Vargas realmente acreditava que quando os pracinhas voltassem da Europa após combater ditaduras, não aceitariam que a ditadura do Estado Novo prosseguisse e que, por isso, ela foi desfeita ainda em solo italiano, voltando ao Brasil já como civis. Isso evidencia o temor de Vargas com relação ao retorno da FEB.

Já na parte cujo assunto é Segunda Guerra Mundial, o livro nos traz as seguintes descrições sobre o Brasil na Segunda Guerra Mundial:

[...] Em janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo, e em agosto declarou guerra, após o afundamento de diversos de seus navios por submarinos alemães. Imediatamente após a declaração de guerra, iniciou-se a preparação de um contingente militar para ser enviado à frente de batalha na Europa. Foi organizada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), formada por uma divisão de infantaria reforçada, com aproximadamente 25 mil homens, e colocada à disposição do Alto Comando Aliado, com membros da Força Aérea Brasileira (FAB). Entre julho de 1944 e o final da guerra, a FEB e a FAB participaram da campanha da Itália, integrando o Quinto Exército norte-americano. Apesar de as lutas dos brasileiros serem travadas contra tropas alemãs de segunda linha, mal equipadas e desabastecidas, tratava-se da primeira vez que uma tropa latino-americana combatia num conflito tão intenso, em território europeu. Seu desempenho nessas condições foi bastante satisfatório. [...].⁶⁸

Aqui já percebemos algumas informações importantes sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial:

1. a FEB foi composta por uma divisão de infantaria;
2. a FAB (Força Aérea Brasileira) também atuou e combateu os nazistas na campanha da Itália;
3. a FEB ficou à disposição do 5º Exército norte-americano (motivo pelo qual em muitas fotos vemos os pracinhas usando roupas de inverno com o símbolo desse exército);

⁶⁸ VICENTINO, Cláudio. História geral e do Brasil / Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2013. p.106..

4. por mais óbvio que seja, a FEB foi uma tropa latino-americana lutando nas linhas de frente da Europa;
5. o exército alemão que lutava na Europa não era a fina flor das tropas nazistas, mesmo assim ainda eram bastante hábeis em combate.

Logo abaixo o livro apresenta uma foto de um pracinha negro com crianças em um Jeep, a legenda não apresenta nenhuma referência ao pracinha negro representado na imagem.



▲ Soldado brasileiro da FEB confraterniza com crianças italianas. A menina tem uma bandeira dos Estados Unidos nas mãos; o menino imita os adultos. Foto de 1944.

Figura 10: Imagem do livro I do Ensino Médio ilustrando um pracinha com duas crianças italianas. Fonte: Vicentino, Cláudio. História geral e do Brasil, 2013.

Esta é a única referência, a um soldado negro da FEB no livro, juntamente com algumas crianças italianas em um Jipe, acreditamos que ele perde uma ótima oportunidade de falar do caráter multiétnico da guarnição brasileira, uma das únicas

tropas aliadas a não segregar racialmente seus soldados, e até mesmo da boa interação que os nossos pracinhas tiveram com a população italiana.

Na foto percebe-se a interação dos soldados brasileiros com as crianças italianas, expressando alegria, liberdade e confiança entre eles, motivo pelo qual até hoje eles são lembrados e homenageados na Itália. É perceptível também que é uma imagem posada. E que a população nesse dado momento, aparentemente já não familiarizados com os pracinhas negros, estranhamento esse citado por alguns dos pracinhas entrevistados, como o senhor Gabriel e o senhor Zeferino.

É provável que não foi a intenção de apresentar um soldado negro nessa imagem, mas sim apenas um soldado brasileiro. Não explicitando assim a sua negritude e destacando um caráter eurocêntrico que é perceptível ainda em vários manuais desenvolvidos recentemente.

Na parte: *Novos ares na política*, localizada no capítulo intitulado: *O período liberal democrático (1945-1964)*, ao relatar sobre o presidente Eurico Gaspar Dutra, na época da guerra, o livro apresenta uma foto dele vistoriando ações da FEB na Itália, lembrando que apenas por isso essa foto foi colada aqui, por retratar um momento durante a atuação da FEB na Itália.



▲ O general Dutra (em primeiro plano, terceiro a partir da esquerda, com binóculo), acompanhando as operações em visita à FEB na Itália. Foto de 1944.

Esta foto é um importante registro da participação dos altos escalões do Exército. Nela podemos observar um dos oficiais com um mapa nas mãos, o que evidencia um estudo de mapeamento e, talvez, uma estratégia de ação da corporação brasileira naquela região da Itália.

Acreditamos que o livro perde uma ótima chance de analisar a ausência de oficiais negros na Força Expedicionária Brasileira através dessa imagem, visto que isso foi uma máxima, entre o alto escalão desse corpo expedicionário e até mesmo atuando na campanha eles eram bem raros. Poderia também utilizá-la para discorrer mais sobre o dia a dia dos brasileiros durante a campanha italiana na segunda grande guerra.

O segundo livro diz respeito ao volume III da coleção *História*, que foi publicada pela editora Saraiva em 2016, destinada aos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Também encontramos nele referências sobre a FEB, como uma seção chamada *A história do seu lugar*, localizada no Capítulo 6, intitulado *A Segunda Guerra Mundial*:

[...] A participação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial sempre foi motivo de grande polêmica. Houve quem os considerasse heróis nas campanhas na Itália, mas houve quem desmerecesse os “pracinhas”, sublinhando seu despreparo militar. Escolha uma pessoa com mais de 70 anos e pergunte o que ela sabe ou do que ela se lembra de ter ouvido sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na guerra. [...].⁶⁹

Observa-se a atividade acima em vários pontos:

1. Como geralmente os temas de guerra interessam muito aos alunos, a percentual de atividades concluídas provavelmente será bem alto.
2. Incentiva o diálogo com os parentes e amigos idosos, que geralmente não possuem muito a atenção dos mais jovens atualmente, como é perceptível em conversa com os educandos.

⁶⁹ VAINFAS, Ronaldo, *História 3: ensino médio*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p.98

3. Não encontrando muitos que tenham conhecimento sobre o assunto eles perceberão o quando ele é desconhecido pela maioria.
4. É possível que alunos acabem encontrando ex-combates da FEB nessa procura. Em uma escola onde trabalhava em Várzea Grande, descobrimos que o avô de uma colega professora foi um ex-precinha. Enfim, ao analisar a fala ou a recusa da fala dos mesmos, o educando pode perceber que tipo de sentimento ou sequelas uma guerra pode gerar na vida de uma pessoa.

Essa seção é muito pertinente, pois ressalta os dois lados dessa discussão sobre a participação dos pracinhas brasileiros na Guerra. Têm os que enaltecem seus feitos em batalha e os que afirmam que, entre outras coisas, a FEB foi apenas “passar” na Itália. O exercício é válido e é possível que alguns dos indagados pelos alunos conheça a FEB o suficiente para opinar sobre o assunto, ou, pelo menos, evidenciar a falta de conhecimento que a população em geral tem sobre a Força Expedicionária Brasileira. Esse fato é defendido por vários pesquisadores, entre eles João Barone, que afirma em seu livro: *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*:

No entanto, 95% da população do Brasil ignora que nosso país tenha participado da Segunda Guerra Mundial. Esconde-se, com a desculpa de não valorizarmos nossa memória, a verdade de que a história do país foi escrita com o sangue dos índios exterminados, dos negros escravos, dos que expulsaram os invasores franceses e holandeses, dos insurgentes, dos revoltosos, dos soldados de pés descalços e dos caboclos que lutaram nas montanhas nevadas da Europa, bravos brasileiros esquecidos pelo seu próprio povo pacífico. [...].⁷⁰

Voltando ao livro, logo no começo da página seguinte, agora falando sobre derrotas nazistas:

⁷⁰ BARONE, João. 1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira, 2013. p.16.

Dia D: Aliados desembarcam na Normandia, URSS avança no Leste Europeu e invade a Alemanha. Fracassada a contraofensiva alemã nos Países Baixos. Brasil envia a FEB para combater na Itália [...].⁷¹

Vemos aqui que o autor insere a FEB no contexto dos ataques simultâneos que os nazistas sofriam em praticamente todos os *fronts* de batalha. Achamos válido, pois como já afirmado anteriormente, muitos desconhecem existência da Força Expedicionária Brasileira e os que a conhecem geralmente têm apenas detalhes vagos sobre a sua atuação na guerra. A mostra que o nosso corpo expedicionário lutou nesse processo de queda dos nazifascistas com certeza é uma informação importante.

No capítulo VII intitulado *O Brasil na Era Vargas*, a FEB volta a ser mencionada no subcapítulo *O Brasil na Segunda Guerra*:

Em meados de 1944, o governo brasileiro enviou homens para lutar na Itália. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) contou com 25 mil soldados, além de 400 pilotos.⁷²

Aqui novamente vemos a FEB ser associada ao governo Vargas, uma vez que a mesma foi criada por ele e ajudou no processo de queda do regime ditatorial que foi o Estado Novo. Além disso reforça a ideia da FAB – Força Aérea Brasileira ter atuado nos campos de batalha italianos.

O terceiro livro analisado é o volume III da coleção *História Global*, publicada em 2016 pela editora Saraiva. Seu conteúdo é voltado para alunos do 3º ano do Ensino Médio. Como referências a FEB, podemos destacar a que foi feita no capítulo IV intitulado *A Segunda Guerra Mundial*, mais precisamente no subcapítulo chamado *A conquista da Itália*:

⁷¹ VAINFAS, Ronaldo, *História 3: ensino médio*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p.99.

⁷² VAINFAS, Ronaldo, *História 3: ensino médio*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p.121.

Os aliados continuaram a ofensiva em território italiano. Depois de reconquistar Roma, em junho de 1944, avançaram até o norte do país, onde tropas alemãs ainda ofereciam resistência. Sua rendição final ocorreria apenas em 2 de maio de 1945. A Força Expedicionária Brasileira (FEB), com um efetivo de mais de 25 mil homens, participou da luta contra o nazifascismo durante essa campanha na Itália.⁷³

Aqui o livro faz referência a FEB, mesmo que apresente apenas o local de batalha e o inimigo já é uma boa menção aos esforços de guerra brasileiros e demonstra que nossos soldados ajudaram no processo de libertação da Itália enfrentando as tropas nazistas que ainda resistiam.

Mais à frente, já no Capítulo VIII, *Era Vargas*, no subcapítulo *Brasil na Segunda Guerra*, a FEB é novamente citada, apresentando o símbolo da FEB com uma legenda explicando o que ela é e ao que fazia referência: “É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil ir à guerra!”, conforme trecho abaixo:

[...] Em 31 de Agosto de 1942, o governo brasileiro declarou guerra às potências do eixo. Em 1944, partiram para a Itália as primeiras tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), comandadas pelo general Mascarenhas de Moraes. Mais de 25 mil soldados foram enviados para participar das batalhas, como as de Monte Castello, Castelnuovo, Collechio, Montese e Forno [...].⁷⁴

Novamente a associação da FEB ao governo a Getúlio Vargas se faz presente, o que é perfeitamente natural visto que uma é criatura e a outra é criação. Aqui novas informações são acrescentadas, como o comandante da FEB na Itália, o General Mascarenhas de Moraes e várias batalhas onde os pracinhas estiveram presentes.

O próximo livro a ser analisado faz parte da coleção *História em Movimento*, publicado em 2013, pela editora Ática. Ele é destinado a alunos do 3º ano do Ensino Médio e recomenda, na página 121, ao estudante que visite o site sobre as Força

⁷³ COTRIN, Gilberto. *História Global 3* / Gilberto Cotrin, 3. Ed. São Paulo. Editora: Saraiva, 2016, p. 64.

⁷⁴ COTRIN, Gilberto. *História Global 3* / Gilberto Cotrin, 3. Ed. São Paulo. Editora: Saraiva, 2016, p.134

Expedicionária Brasileira: <museuvirtualfeb.blogspot.com.br>. Um ótimo acervo virtual com muitos textos, imagens e ilustrações de pracinhas brasileiros antes, durante e depois da campanha na Itália. Exposição de medalhas, certificados, entre outras imagens, que são apresentadas juntamente com a história de vida dos homenageados, um rico acervo para manter viva a memória da Força Expedicionária Brasileira e de seus ex-combatentes.

Outra referência está localizada no capítulo X, *O Brasil sob Getúlio Vargas*, mais precisamente no subcapítulo *Brasil na II Guerra*, onde os autores fazem um apanhado geral sobre os motivos que levaram o Brasil a entrar na Guerra, e sobre a política da boa vizinhança com os EUA. Quase no fim dessa seção, o seguinte texto nos é assim apresentado:

[...] Em julho de 1944, cerca de 25 mil soldados, integrantes da Força Expedicionária Brasileira, FEB, desembarcaram na Itália. [...] ⁷⁵

Logo abaixo o livro nos apresenta a seguinte imagem de soldados da FEB se despedindo dos seus familiares antes do embarque para a Itália.



Embarque dos chamados “pracinhas” da FEB para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, em 1944. Pracinha era o termo pelo qual ficaram conhecidos os soldados brasileiros

Figura 12: Imagem do livro II do Ensino Médio onde estão representados pracinhas se despedindo de suas famílias antes do embarque para a Itália.

Fonte: Azevedo, Gislane Campos, *História em movimento*, 2013.

Para o foco da pesquisa, também mostra um soldado negro ao centro, com uma criança no colo, em clima de despedida, ao lado de dois soldados brancos, em perfeita harmonia. Essa imagem ressalta a diversidade racial na FEB, característica que se destacava na FEB das outras divisões que lutaram na segunda guerra. Como as dos EUA, Alemanha e Inglaterra, onde havia pelotões exclusivamente de negros, com oficiais brancos.

Através desta foto o caráter multiétnico da FEB poderia ser novamente evocado e detalhado, além apresentar alguns fatos a mais sobre a partida e principalmente, a despedida dos soldados brasileiros dos seus entes queridos antes de partir para o combate. Acreditamos que uma análise mais detalhada dessas imagens poderia permitir e estimular ao leitor um maior conhecimento sobre a importância do contexto das imagens e não as ver apenas como meros complementos.

O último livro a ser analisado pertence a coleção *Olhares da História* que foi publicado pela editora Scipione, em 2016. Ele é o terceiro volume e foi destinado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, livro este adotado por escolas estaduais de Várzea Grande, Mato Grosso. Ele apresenta conteúdo bastante similar ao da coleção *História Geral e do Brasil*, também da mesma editora, que já foi apontado a analisado nessa pesquisa, sendo assim faremos uma comparação entre eles.

Ambos, no geral, apresentam um conteúdo razoável sobre a FEB, como local, tempo de atuação, a informação de que a FAB (Força Aérea Brasileira) também atuou em solo italiano combatendo os nazistas e apresentam uma análise sobre a atuação da FEB em solo italiano, mesmo que ao nosso ver desmereça um pouco as ações dela. Porém, a versão mais recente é mais limitada em relação a primeira.

Nos livros analisados praticamente não encontramos nenhuma referência a combatentes negros, e as que encontramos são indiretas, pois são fotografias que não são comentadas e nem ressaltam o fato. Todos têm alguma referência a FEB, porém a maioria dos livros analisados reserva pouco espaço em seu conteúdo para falar sobre o tema e muitas vezes com referências vagas.

Nem todos os livros apresentam a FEB no seu capítulo sobre a segunda guerra mundial e quando o fazem geralmente é apenas por meio de uma leve citação sobre o

assunto. A nosso ver, ter pouca parte destinada a esse assunto evidencia que, talvez, para esses autores a participação da FEB na guerra não teve grande importância histórica, minimizando aspectos importantes nesse contexto. De fato, não foram enviados para o *front* europeu tantos soldados brasileiros quanto estadunidenses, ingleses e alemães que mandaram efetivos na casa dos milhões. No entanto, não buscamos aqui dados quantitativos e sim a participação qualitativa desses combatentes, bem como a particularidade de um país da América do Sul participar de uma guerra no âmbito europeu, visto que somente uma historiografia específica sobre o tema daria conta disso e não manuais pautados em estratégias didáticas pasteurizadas do conhecimento histórico.

Com isso acreditamos que as ações da Força Expedicionária Brasileira não devem ser medidas apenas pelo seu efetivo de pouco mais de 25 mil combatentes enviados aos campos da Itália. Nesse aspecto, observar o que esse “pequeno efetivo”, em relação aos milhões que compunham a de outros países, foi capaz de fazer durante a sua atuação em solo italiano, contribuindo significativamente no trabalho de libertação desse país do jugo alemão na Segunda Guerra Mundial.

Praticamente nenhum livro fala sobre os feitos já foram apontados no capítulo anterior deste trabalho, mas que não costumam ser ressaltados: capturar mais de 25 mil prisioneiros alemães mais de mil viaturas, cavalos, armamentos, além de render toda a 148ª Divisão alemã, feito único na campanha da Itália.

Também podemos evocar o papel social da FEB, visto que ela foi uma das únicas tropas a lutar na segunda guerra mundial a não segregar os seus soldados combatentes negros, brancos, amarelos, todos lutavam lado a lado. Dentro da FEB não havia uma diferenciação de tropas, ou seja, só de negros como havia no exército estadunidenses, o lendário *Batalhão Búfalo*, como já foi citado nas falas dos ex-combatentes entrevistados.

Em meu trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal de Mato Grosso, através de pesquisas realizadas sobre os combatentes mato-grossenses, analisando depoimentos de ex-pracinhas negros, foi possível concluir que entre os soldados que compunham a Força Expedicionária Brasileira não havia uma segregação ou racismo evidenciado. No entanto, essa realidade não era a mesma entre os oficiais. De acordo com os depoimentos, alguns momentos mostraram-se bastante racistas, como em um desfile

onde oficiais do exército disseram que os soldados negros não poderiam desfilar junto com soldados brancos. Isso fica claro nas palavras Carlos Hag em seu artigo intitulado:

Por quem a cobra Fumou:

Antes de um desfile de tropas, Zenóbio da Costa teria emitido uma determinação de isolar ou retirar os expedicionários negros das colunas, ordem que foi amplamente ignorada pelos oficiais da FEB.
Por quem a coma fumou.⁷⁶

Trazer a luz os soldados negros da FEB, suas histórias de vida e feitos, a nosso ver, torna-se importante no diálogo sobre as causas étnico-raciais e no combate ao racismo, principalmente neste momento que, em pleno século XXI, vemos crescer os casos de racismo mundialmente, seja no esporte, no dia a dia e assim por diante. Além disso, a FEB era multicultural e o encontro de homens de vários estados e regiões do Brasil. Assim esse corpo expedicionário, pode ser objeto de estudos de várias partes do país sobre a atuação dos seus na Segunda Guerra Mundial

Para complementar essa pesquisa, apresentaremos abaixo uma tabela contendo algumas questões pertinentes a pesquisa, as quais serão comentadas logo a seguir.

Quadro 4: Instrumento de pesquisa e análise dos livros didáticos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

| QUESTIONÁRIO | | | | | | | | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Apontamentos que o livro apresenta ou poderia ter apresentado | Nº dos livros segundo o quadro 2 | | | | | | | | | |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| Apresenta alguma referência sobre a FEB? | X | X | | X | X | X | X | X | X | X |
| Menciona a FAB (Força Aérea brasileira) ? | | | | | | X | X | | | X |
| Apresentam algo sobre a interação dos pracinhas com a população italiana (mesmo que indireta)? | | | | | | X | | | | X |
| Falam sobre sua atuação em solo italiano (batalhas, dificuldades, vitórias, derrotas, conquistas, entre outros)? | | | | X | | X | | X | | X |
| Apresentam algum pracinha (Falando sobre ele, sobre sua história de vida ou ao menos mencionando-o)? | | X | | | | | | | | |
| Fala sobre a importância da FEB para a História do Brasil? | X | X | | X | | X | | | | |

⁷⁶ HAGG, Carlos. Por quem a cobra fumou? <<https://revistapesquisa.fapesp.br/por-quem-a-cobra-fumou/>>. Acesso em 30 ago 2021.

| | | | | | | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--|---|--|---|---|---|---|---|---|---|
| Explica termos típicos da FEB (pracinha, Canção do expedicionário, símbolo da FEB entre outros) | | X | | X | X | | X | X | | X |
| Fala da FEB em seu Capítulo sobre a Segunda Guerra Mundial? | | X | | X | X | X | X | X | X | X |
| Apresenta um conteúdo satisfatório sobre a FEB (ao menos cinco das opções acima)? | | | | X | | X | | | | X |
| Apresenta alguma referência aos pracinhas negros da FEB (mesmo que indireta)? | | | | | | X | | | X | X |

De um modo geral praticamente todos os livros citam a FEB, o que é muito positivo, visto que isso ajuda a combater o “esquecimento” desta realidade na história do Brasil. Também, achamos interessante a menção da FAB – Força Aérea Brasileira, pois os aviadores brasileiros também estiveram presente no conflito e passaram por dificuldades tão grandes quanto as da FEB, fora que eles também são considerados pracinhas. Em muitos registros eles citam quem o equipamento com que treinaram no Brasil era totalmente diferente do qual usaram na Itália, cabendo a eles pouco tempo para adaptação, fora que artilharia antiaérea alemã era conhecida por sua eficiência. Sem o apoio dos nossos aviadores muitas ações da FEB teriam apresentado mais dificuldades.

A interação dos pracinhas com a população italiana é um dos assuntos que para nós carrega grande relevância, talvez não comentadas nos livros didáticos, mas através de imagens que fazem transparecer essa interação entre eles. Até hoje, no século XXI, homenagens são prestadas a FEB na Itália, além de haver vários monumentos para preservar a memória da passagem dos nossos soldados por lá.

Sendo assim, nesta pesquisa, foi possível observar as inúmeras histórias de camaradagem, solidariedade, amores, desavenças, heroísmos e toda uma gama de sentimentos e interações são contadas pela população das comunas italianas por onde os soldados brasileiros. Histórias confirmadas pelos nossos ex-combatentes em seus depoimentos, como o fato da FEB sempre fazer o possível para ajudar a população, seja dividindo suas rações, alimentando as crianças e prestando uma série de outros auxílios.

Acreditamos que isso tem potencial para produção de um ótimo material a ser inseridos em nossos livros didáticos, assuntos que deixaram de ser explorado nos textos apresentados por seus autores. Ao trabalhar essa temática em sala de aula, com novas

ferramentas que complementam tais informações, foi perceptível o interesse dos alunos com os quais tivemos contato, quando esse assunto era ali estudado.

Falar da atuação da FEB na Itália para nós também é essencial, afinal os livros o fazem quando falam dos EUA, Inglaterra, Alemanha, URSS entre outras nações e seus personagens da guerra. Por que com a FEB tem de ser diferente? Os pracinhas nos apresentaram experiências sobre o que vivenciaram ali, porque suas narrativas não estão detalhadas nos livros didáticos, será que apenas algumas imagens dos mesmos são suficientes? Seria interessante apresentar, os lugares por onde passaram, o que observaram, quais foram suas vitórias e derrotas e o contexto por trás delas. Boa parte dos livros deixou de abordar o tema.

Apenas um dos livros nos apresentou um pracinha. Acreditamos que esses senhores já com idades avançada, que tem seus lugares em desfiles de 7 de setembro no Brasil, recebem homenagens. Também deveriam ter lugar no livro didático para contarem suas experiências, seja o antes, o durante e o pós segunda guerra, ou ao menos serem apresentados aos estudantes, como ocorre em muitos livros com soldados estrangeiros.

Falar da importância da FEB também é essencial por vários motivos, seja a única tropa sul-americana a lutar no conflito, bem como uma das únicas a não segregar seus soldados, assunto importante para discutir o racismo nas corporações internacionais. Mas um dos motivos, que talvez seja mais conhecido, foi a contribuição que a mesma deu para acabar com o regime do Estado Novo e isso alguns livros abordaram, embora para eles pareça que a única importância da FEB foi essa.

Sobre os símbolos da FEB, sim, alguns livros apresentam os principais símbolos da FEB e o termo “pracinha”, que alguns citaram. O símbolo da “cobra fumando” foi o mais citado nos livros e sites pesquisados.

O Hino da FEB, que é a Canção do Expedicionário, não foi encontrado em nenhum dos livros. Na Itália, para desfiles comemorativos da libertação do país do nazifascismo, as crianças aprendem a hino e o cantam em português, isso carregando bandeirinhas com o símbolo da FEB. Indagamos se essa mesma atividade cívica não poderia ser feita com nossos alunos, tendo como ponto de partida esse conteúdo estudado no livro didático.

A próxima questão nos é importante, pois a atuação da FEB estando posta na parte do livro destinada a Segunda Guerra Mundial, a nosso ver, ajuda no entendimento do

aluno quanto a sua participação no conflito e evidencia que nossos soldados lutaram um dos maiores conflitos da História.

Muitos conhecem sobre esse conflito bem antes de estudá-lo em sala de aula, seja por filmes, quadrinhos, revistas, jogos entre outros meios. Porém muitos crescem desconhecendo que os pracinhas ali estiveram e é muito bom ver que a maioria dos livros faz menção a FEB na parte realmente destinada as ações de guerra.

No geral, apenas três livros apresentaram um conteúdo satisfatório sobre a FEB, segundo nossos critérios. O que para nós reforça o peso deste trabalho em evidenciar que a história da FEB não está sendo tratada ou aprofundada, apresentando muitas ausências nesse conteúdo.

Por fim, dois livros apresentam menções indiretas a pracinhas negros, que são duas fotografias da guerra de uma pracinha dentro de um jipe com crianças italianas. Nenhuma menção direta ao caráter multirracial da FEB foi feita, nem sobre as impressões que eles tiveram ao presenciar situações de segregação durante o conflito.

Algumas questões ainda pairam sobre essa realidade. Quais seriam os motivos dessa ausência? Por que a Itália dá mais valor a história da FEB do que o nosso país? Por que os pracinhas afrodescendentes não aparecem nos livros didáticos, que parece uma negação uma das características mais marcantes desse corpo expedicionário? E o que contribui para que assuntos como esses não sejam tratados em nossos livros didáticos? Urge a necessidade de maior aprofundamento acerca desses questionamentos abrindo novas perspectivas de pesquisa e análise sobre essa temática.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA E IMAGENS DOS PRACINHAS BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: um aplicativo para celular como ferramenta pedagógica para professores de história.

Como se ensinar algo de que se sabe pouco ou muitas vezes nem domina? E pior, muitas vezes nem se entende? Como pode um professor que quer instigar em seus alunos a sede pelo conhecimento o faz sem uma base teórica propícia para tal feito? E pior observando que esse conhecimento também não é muito abordado por um dos ambientes onde geralmente se procura muitas respostas que é o meio universitário? Que conhecimento é esse: a história de um dos continentes mais belos e ricos do mundo, mas que infelizmente por muito tempo teve a mesma tratada com um preconceito feroz para ser delicado com as palavras: o continente africano.

A Segunda Guerra Mundial continua sendo um dos assuntos mais explorados pela indústria de entretenimento, seja cinema, documentários, indústria de jogos, livro, revista etc. Por isso é quase certo que ao falarmos sobre o assunto pela primeira vez em sala de aula, grande parte dos nossos discentes já terão um conhecimento prévio sobre a mesma.

Muitas vezes esse conhecimento é tomado por eles como verdade absoluta e se sentem reticentes quando lhes apresentamos fatos, como a de que certas batalhas não ocorreram ou não ocorreram da forma como apresentadas no filme que ele assistiu ou que tal cenário onde eventos foram apresentados em algum jogo eletrônico é mera peça de ficção, ou ainda que o personagem por quem eles tanto torceram ou se identificaram de fato nunca lutou na guerra ou não existe.

Independente disso o assunto ainda é um dos preferidos pelo estudantes, assim como o de outras batalhas famosas como Salamina, Plateia, Bunker Hill e assim por diante. Acredito que nós, professores devemos gerar estratégias para aproveitar esse

entusiasmo e com ele ajudar os estudantes a se interessarem por outros assuntos diretamente ou indiretamente ligados a esses fatos.

Acreditamos também que a FEB é um conteúdo que pode ser muito bem utilizado em sala de aula devido ao interesse que ela fomenta nos jovens e nas experiências que puderam ser obtidas e compartilhadas em sala de aula.

No ano de 2018, a convite de uma colega, para ministrar uma palestra sobre o aniversário de Várzea Grande a alunos do ensino fundamental II, sendo dois oitavos anos, um sétimo ano e um sexto ano. Para tentar aproximar ainda mais o tema dos alunos, usei como fonte uma das maiores e das mais importantes avenidas da cidade: A conhecida “Avenida de FEB”, que juntamente com a Ulisses Pompeu e a Avenida Júlio Domingos de Campos, cortam a o município de ponta a ponta.

Após uma pesquisa constatamos que o seu nome é uma homenagem a Força Expedicionária Brasileira e que essa é uma informação que grande parte da população desconhece. Um dos motivos é que esse dado não estava disponível em praticamente nenhum lugar, até mesmo na internet, não se encontrava praticamente nenhuma notícia, matéria ou nada sobre o assunto, sendo o único local no site do IBGE que realmente confirmava o tributo à tropa expedicionária.

Após isso, durante a palestra que foi iniciada com o hino da cidade, acompanhada de informações como conceitos de fonte e sujeito histórico, além de dados geográficos sobre o município, foram apresentadas as informações obtidas sobre avenida e posteriormente uma rápida explanação sobre a atuação brasileira na segunda guerra mundial. Era visível que esse era o momento que os alunos mais se surpreendiam e gostavam.

Até mesmo os alunos dos sexto já sabiam ou tinham noções do que foi a segunda Guerra mundial, porém durante a minha apresentação eu lhes mostrei o símbolo da FEB e executei partes da canção do expedicionário e também um vídeo de crianças italianas nesta homenagem a Força Expedicionária em Montese, comuna italiana. Todos foram categóricos ao afirmar que apesar de conhecerem a segunda guerra por filmes, músicas, jogos eletrônicos ou pelo que seus familiares lhes contavam, nenhum deles tinha visto ainda nenhuma das informações que lhes estavam sendo apresentadas.

Como produto sugerimos um aplicativo que foi desenvolvido para ser usado como como ferramenta básica sobre o tema, através do site

<https://painel.fabricadeaplicativos.com.br/signin>, cuja temática será a FEB na segunda Guerra Mundial. Proposta feita para o Mestrado Profissional em História – PROFHISTÓRIA. Nele estarão contidas informações sobre o tema deste trabalho: a FEB e a atuação dos pracinhas negros na Segunda Guerra Mundial, os processos que levaram a sua criação, composição e atuação em solo italiano.

Também estarão ali, imagens dos ex-combatentes, assim como de seus equipamentos, armas, cotidiano e de homenagens a que lhes são rendidas. Além de vídeos com depoimentos de ex-pracinhas, de gravações de homenagens aos mesmos e uma parte dedicada a músicas que falam sobre a Força Expedicionária. Também haverá uma parte em especial destinada a apresentar os seis pracinhas mato-grossenses, cujas entrevistas fazem parte deste trabalho, além de um adendo sobre a atuação dos pracinhas de Mato Grosso nos campos da Itália durante a segunda guerra. Também é nosso objetivo destinar uma parte com algumas histórias vividas por ex-combatentes durante o conflito.

A decisão por tal caminho foi tomada devido a abrangência que esse produto pode ter visto que devido a pandemia do novo corona vírus cada vez mais a comunidade escolar passou a se tornar mais adepta das novas tecnologias digitais.

Em nossa experiência em sala de aula é perceptível, por exemplo, que o número de celulares em posse dos alunos cresceu exponencialmente, assim como o acesso dos mesmo a internet, visto que muitos o fizeram para que os estudantes pudessem se manter integrados ao ensino de forma remota inicialmente e posteriormente ao ensino híbrido (uma parte remota e a outra presencial).

Inventário do aplicativo

O aplicativo possui um leitor de QR code e um link de acesso https://app.vc/material_expositivo_da_feb_2771518, com uma lista contendo diversas abas que direcionará o professor, aluno ou visitante para as páginas dos conteúdos sobre o a Força Expedicionária Brasileira. O primeiro na primeira tela aparecerá a foto do soldado da FEB alimentando um obus, onde no projétil aparecerá a seguinte mensagem: “A cobra está fumando”.



Figura 13: QR code para acessar o aplicativo

Nesse aplicativo utilizaremos como material audiovisual, fotos representando vários momentos da FEB, além de referências sobre ela. O segundo passo é o conteúdo organizado em abas. Separamos o conteúdo do app da seguinte forma:



Figura 14 - Página principal do Aplicativo

Quadro 5: Guia de abas do aplicativo da FEB.

| |
|----------------------------------|
| Aba 1: Sobre a FEB |
| Aba 2: Os negros na FEB |
| Aba 3: Pracinhas Mato-grossenses |
| Aba 4: Referências a FEB |
| Aba 5: Vídeos sobre a FEB |
| Aba 6: Imagens sobre a FEB |
| Aba 7: Deixe-nos a sua opinião. |

Aba I – Sobre a FEB

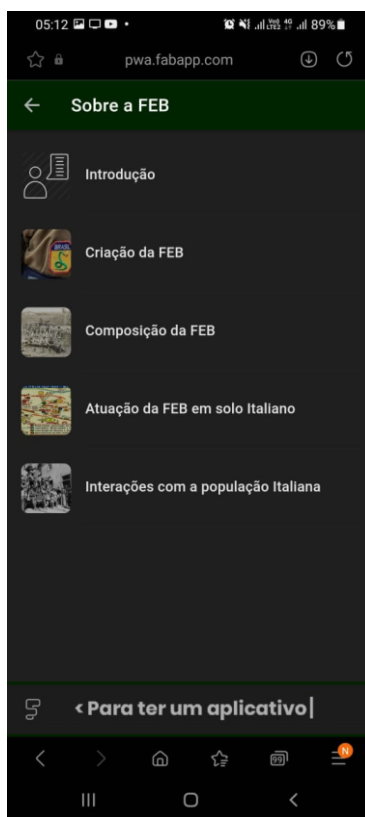


Imagem 1 – Aba Conteúdo da Aba I

O item 1 – faz um apanhado sobre a FEB para que o leitor possa tirar suas dúvidas e conhecê-la de fato, ela será baseada no primeiro capítulo desta dissertação, com a utilização de uma biografia complementar. Ao acessar essa parte, o visitante será apresentado a cinco itens, sendo o primeiro a “Introdução”, onde ele terá acesso sobre um breve resumo do que foi esse corpo expedicionário, além da explicação para alguns termos tipos dela, como pracinha, o significado de FEB e assim por diante.

No item 2 -será apresentado o contexto no qual a Força Expedicionária Brasileira foi criada, além do decreto que possibilitou essa ação, assim com um breve relato sobre o recrutamento e expectativas para a criação da mesma.

Na item 3 - apresenta como a FEB foi composta, em seus diversos níveis: como a divisão de infantaria que era, sejam eles, artilharia, corpo médico, engenharia, entre

outros. Além disso, ali, estará contido um resumo sobre a composição cultural e regional da FEB, elementos culturais de alguns lugares de onde os pracinhas vieram, além, de uma rápida análise sobre a questão do nível escolar deles. Uma tabela contendo a contribuições das unidades federativas brasileiras em número de praças para fazer parte dos combatentes a atuar em solo italiano na segunda guerra mundial.

No item 4 - será dedicado sobre a atuação da FEB, ou seja, discorrerá brevemente sobre os caminhos que os pracinhas percorreram em solo italianos, sobre seu desempenho em combate, sobre os as dificuldades enfrentadas e sobre suas derrotas e vitórias.

O item 5 - falará sobre a interação entre a FEB e a população italiana. Ele apresenta um pouco de como esse contato entre brasileiros e italianos durante a guerra. Aqui apresentaremos depoimentos dos ex-combatentes entrevistados, além como elementos historiográficos para embasar a boa relação que ambos construíram para ajudar a entender a boa relação que esses povos mantem até os dias atuais.

Aba II – Negros na FEB

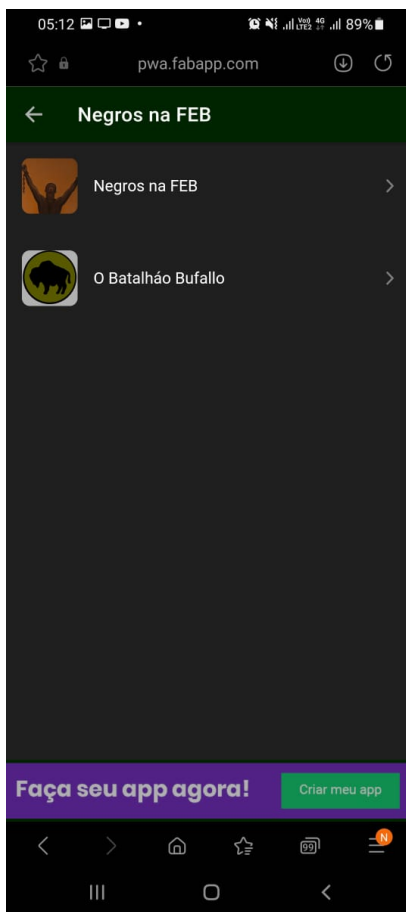


Imagem 15: Aba 2 - Negros na FEB

A aba 2 discorrerá sobre os negros na FEB e a mesma será dividida originalmente em dois tópicos, sendo que na primeira falaremos sobre como era a situação do negro na Força Expedicionária Brasileira, tendo como base a palavra dos ex-pracinhas mato-grossenses, além disso, realiza uma análise sobre os casos de racismo observados por eles e da forma de racismo velado, muito característico por exemplo na ausência de oficiais negros no alto escalão da FEB.

Essa primeira parte da aba 2, também falará brevemente sobre o contexto racial brasileiro na época em que esse corpo expedicionário foi criado, ressaltando entre outras coisas relativo ao pouco tempo que havia se passado desde o tempo da abolição da escravidão no Brasil em 1888. Já na segunda parte da aba, faremos uma rápida referência a Divisão Buffalo, uma tropa estadunidense que atuou ao lado dos expedicionários brasileiros no *front* italiano, pois foi a partir da observação desta que surgiram as

principais referências dos pracinhas entrevistados sobre racismo, visto que era uma tropa composta totalmente por negros, porém comandada por oficiais brancos.

Aba 3 – Pracinhas Mato-Grossenses



Imagem 16: Aba 3 - Pracinhas Mato-grossenses.

A terceira aba discorrerá sobre os seis pracinhas mato-grossenses que foram entrevistados pela professora mestre Caroline Martins Ojeda, entre os anos de 2013 e 2014. Falaremos brevemente sobre cada um deles, revelando detalhes como seu nome completo, naturalidade, idade na época das entrevistas e alguns fatos mais relevantes para esta pesquisa, de acordo com o relato de cada um deles. Também haverá uma parte destinada para falar um pouco sobre como foi o processo de entrevista destes veteranos de guerra.

Aba 4 – Referências a FEB

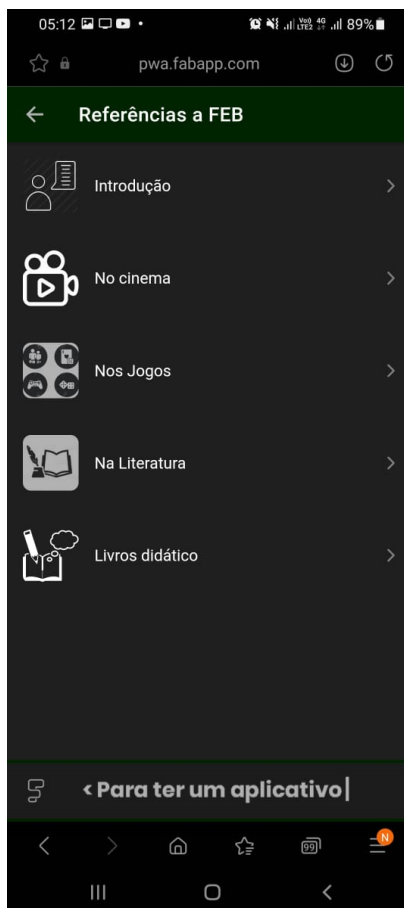


Imagem 172: Aba 4 - Referências a FEB

A Aba 4 – apresenta algumas referências a FEB no campo da cinematurgia, jogos eletrônicos, literatura e sobre como foi a nossa análise dos dez livros didáticos obtidos para a composição da pesquisa do capítulo II. Apresenta, também, algumas opções de filmes e livros para ajudar a compreender o que foi a Força Expedicionária Brasileira. Na parte de jogos eletrônicos ilustramos alguns que fazem referências a ela.

Aba 5: Vídeos sobre a FEB

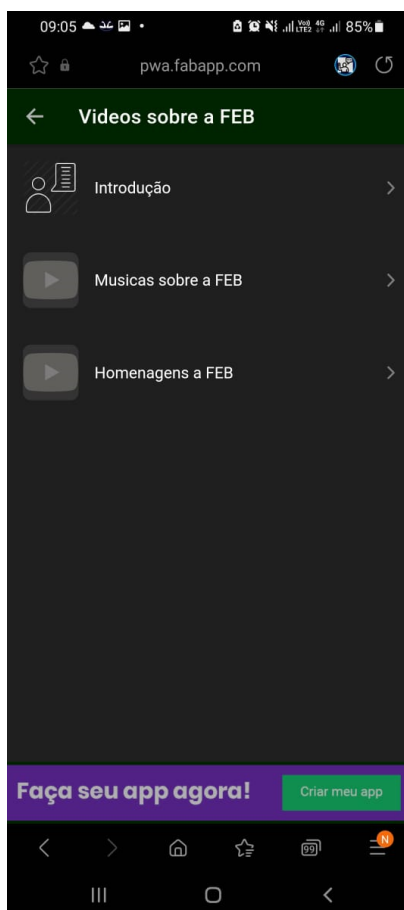


Imagem 18: Aba 5 - Vídeos sobre a FEB

Na Aba 5 -, apresentaremos vídeos sobre o conteúdo principal, a FEB. Separamos em duas categorias, sendo que a primeira são clipes com músicas que fazem referências e ela, que vão desde sambas como: Sentinela do Brasil, Mia Gioconda e até as Smoking Snakes que é uma música composta pela banda sueca Sabaton⁷⁷, que remete entre outras coisas, a lenda dos três brasileiros que vendo-se cercados por uma companhia alemã, não se rendeu e lutou até a morte, tendo os três sido enterrados com uma placa que fazia referência a “três heróis brasileiros”. O segundo item apresenta vídeos em homenagens

⁷⁷ Sabaton é uma banda sueca de Power Metal que foi formada em 1999. O grupo é conhecido por ter letras com relação a guerras históricas. Em suas apresentações, eles utilizam uma imitação de um tanque de guerra que pesa duas toneladas e possui um kit de bateria montado em cima.

aos pracinhas da FEB, como a feita pelo clube Atlético Paranaense em seu estádio conhecido como a “Arena da Baixada”, até os depoimentos de soldados brasileiros que participaram da campanha na Itália e de pessoas que conviveram com os pracinhas durante a guerra.

Aba 6: Imagens da FEB

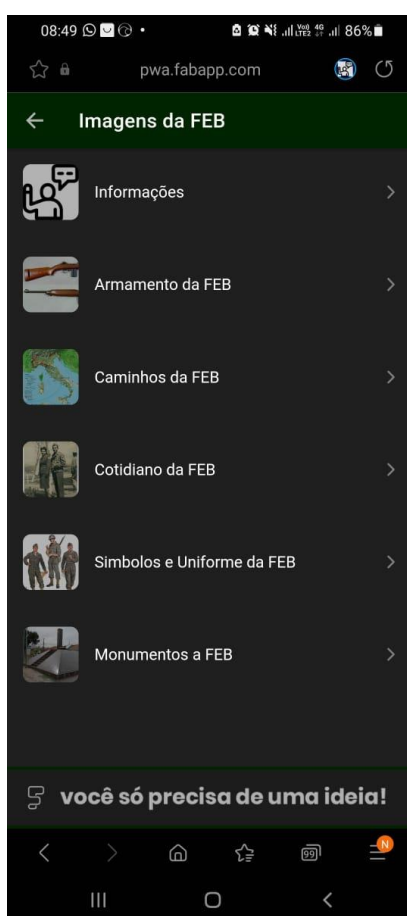


Figura 19: Aba 6 - Imagens da FEB

A Aba 6 -, apresenta uma série de fotografia sobre os mais variados momentos da campanha brasileira, seja da sua atuação, do seu armamento, dos mapas mostrando os caminhos por onde os pracinhas passaram, assim como as suas principais batalhas e outras com seu fardamento.

Por fim a Aba 7 é um mural para que os visitantes deixem a sua opinião sobre o nosso trabalho.

É nosso profundo desejo que este material alcance muitas pessoas e que ajude professores, alunos e depois visitantes a entender a FEB. Que percebam que essa força militar foi bem mais que apenas isso. Que organizou e abrigou pessoas com os mais variados pensamentos, níveis culturais, expectativas, medos e angústias. Que a grande maioria delas fez o possível para cumprir seu dever e que muitos não tiveram a oportunidade de voltar a suas à sua pátria, e dessem continuidade às duas vidas no Brasil, fossem elas, pacatas, movimentadas, cmo sujeitos comuns na história.

Esperamos que um dos únicos adendos minimamente positivos que essa pandemia trouxe a educação, que foi a expansão do acesso aos meios digitais, assim como uma maior procura sobre conhecimento para operar as mais variadas plataformas e um aumento exponencial do número de pessoas com acesso à internet, ajude esse produto a ter grande contribuição para quem quiser buscar maiores informações e conhecimento sobre a FEB em sala de aula ou fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.
(Nelson Mandela, 1995)

Falar da FEB sempre é um ato de resistência ao combate do estigma de esquecimento, tendo como objetivo principal levar o conhecimento dessa realidade aos brasileiros, que, em teoria, deveriam ser seus maiores conhecedores.

A nosso ver, reconhecer que outras nações, como a Itália, aparentemente dão mais valor à memória dos pracinhas brasileiros é um sinal de que precisamos repensar a preservação da memória nacional, a partir de ações de sujeitos comuns na história. Saber que na Itália, crianças italianas estudam a história da FEB e aprendem a cantar a canção do expedicionário em português para participarem de eventos públicos em homenagem a essa amizade ítalo-brasileira nos faz refletir sobre essa realidade. O desconhecimento da sua própria história, por parte dos brasileiros, é algo que sempre vai nos intrigar.

A imagem abaixo expressa essa realidade no evento cívico ocorrido na comuna de Montese, no ano de 2015, onde crianças italianas homenageiam os soldados brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial e libertaram essa região das forças alemãs. Manifestação cívica nacional de reconhecimento à FEB e seus combatentes, como atividade escolar de preservação da história e da memória coletiva e individual através de sucessivas gerações.



Figura 20: Crianças italianas homenageando os soldados brasileiro da FEB na cidade de Montese.
Fonte: Ana Claudia Camargo, Itália, 2015.

Todos os anos acontece, também, uma celebração religiosa católica em memória aos pracinhas brasileiros mortos na Itália. Neste ano de 2021, houve uma celebração inédita, quando pela primeira vez foi realizada por um pastor protestante da Igreja Presbiteriana do Brasil:

Igreja Presbiteriana presente na embaixada brasileira na Itália em evento alusivo a memória dos pracinhas da FEB mortos na Segunda Guerra Mundial! O Rev. Samuele Baroncelli, missionário transcultural em Pistoia, na Itália, foi convidado pela Embaixada do Brasil para trazer uma palavra de esperança na cerimônia em memória aos "pracinhas", soldados brasileiros que foram mortos na Segunda Guerra Mundial.

Em 60 anos de evento, sempre há uma missa. Este ano, pela primeira vez, foi solicitada a presença de um pastor evangélico. A cerimônia contou com a presença de diversas autoridades. O nome do nosso Deus foi engrandecido. Orem pelo trabalho missionário na província e pela plantação de uma congregação naquela região.⁷⁸

Esse tipo de homenagem só nos ajuda a reforçar a ideia já apresentada de que os italianos até hoje alimentam um forte sentimento de amizade e gratidão aos brasileiros. Além disso, de que eles aparentemente dão mais valor à memória da FEB do que os próprios brasileiros. Somos sabedores que isso acontece por conta do nosso desconhecimento acerca da importância da FEB no processo de libertação dessa região

⁷⁸ GARCIA, Mariana Duarte. https://www.instagram.com/p/CV5gk5Xrsan/?utm_medium=share_sheet, Acesso em 07 nov 2021.

italiana ocorrida na Segunda Guerra Mundial. Não buscamos heróis e sim contribuir para que a história não seja esquecida.

Acreditamos que a escola tem um papel importante na reconstrução crítica do conhecimento histórico, onde a memória histórica é uma das fontes que deve passar sempre por um crivo científico. Sendo assim, se faz necessário que histórias não contadas nos livros didáticos façam parte do currículo escolar, com diferentes estratégias aplicadas pelos professores em sala de aula. Para que a memória se perpetue é necessário que crianças e jovens dessa geração possam ter a oportunidade de conhecer a sua própria história e que seja transmitida para as gerações futuras. Que o professor possa observar o conteúdo ministrado em sala de aula, perceber as suas limitações e proporcionar aos alunos um conhecimento que vai muito além do material sugerido pelo livro didático. Podemos avançar e abrir esse leque de conhecimento fundamental para o aluno e para o professor sair da sua zona de conforto e se autorizar enquanto gestores do conhecimento e formadores da consciência histórica de nova geração.

Sempre procuramos acreditar que a escola é muito mais que apenas um lugar para difusão de conhecimento. Ela é também um ambiente onde os alunos terão importantes interações sociais de sua vida e um lugar onde começam a aprender e praticar como será o seu tipo interação com a sociedade.

A escola é um lugar social, onde os educandos terão a oportunidade experimentar, pela primeira vez, várias sensações e sentimentos, como a amizade, o amor, a fraternidade, a liberdade de tomar decisões por si só. Como também, experimentar outros comportamentos, não tão nobres assim, como o *bullying*, a frustração, o desprezo, a rejeição, crises identitárias e por aí vai.

Pensamos que a História é uma das disciplinas de papel mais relevante dentro da formação tanto escolar quanto de identidade dos discentes. É através do estudo do passado que o aluno aprende muito do caráter e potencial humano, tanto para o bem, quanto para o mal. Podemos perceber que o ser humano é capaz de coisas moralmente duvidosas e horrendas, como o holocausto, a escravidão, os genocídios étnicos, os testes como armas químicas e nucleares, o enriquecimento sobre a morte de homens, mulheres e crianças por inanição, ataques armados contra a população civil indefesa, entre outros.

Também podemos aprender através da história sobre grandes gestos de grandeza, ações de coragem, de obstinação, de bondade e sobre as experiências de vida de pessoas

que marcaram seus nomes na história por suas lutas, como Martin Luther King, Nelson Mandela, Madre Tereza de Calcutá, Mahatma Gandhi e outros, talvez esquecidos e invisíveis nos registros históricos. Não queremos com isso fazer juízo de valor e defender pessoas que como qualquer ser humano, podem ter cometido erros e acertos. Mas é inegável que seus legados inspiraram e inspiram muitas pessoas mundo a fora.

Trabalhar com história de vida é uma das formas mais eficazes de se aprender e ensinar. Ela nos aproxima de nossos objetos de estudo, conhecemos seus interesses, medos, opiniões e parte de sua trajetória. No fundo, as pessoas gostam de falar sobre suas trajetórias. É perceptível isso quando usamos o tema com alunos. Em nossa experiência em sala de aula percebemos que as atividades que envolvem esse tipo de temática, geralmente são bem frutíferas. Sem falar que é um ótimo exercício de memória e autorreflexão, quando rememoram os momentos de suas vidas em que esse indivíduo não havia feito qualquer debate a respeito em especial. Ao falar de racismo em sala de aula, é possível perceber que nelas, onde no Brasil são formadas em boa parte por alunos afrodescendentes, é um poço fértil para exemplos de tudo que uma sociedade tenta negar: que isso (racismo) não existe em nossos meios.

Ouvindo história desses discentes é possível perceber as sutilezas pelas quais o racismo age, seja num olhar diferenciado que esse aluno demonstrou ter percebido ao adentrar a um recinto como um shopping center, um banco, um órgão público, uma loja. Alunos já disseram terem sido abordados por policiais, mesmo não estando fazendo nada que justificasse essa conduta. Não é difícil acreditar na veracidade desses fatos, porque também já fui vítima disso.

É perceptível também que esse discente carece de uma representatividade que muitas vezes não encontra. Já falamos neste trabalho a importância que o livro didático tem na vida da maioria das pessoas, visto que ele foi o principal objeto de leitura na vida de muitas pessoas e talvez não tenham continuado a ter uma rotina de leitura além deste material apresentado na escola.

Acreditamos que ele deveria ser mais bem aproveitado para discutir temáticas tão relevantes a sociedade como o racismo, a xenofobia, a luta das mulheres, o preconceito as comunidades LGBTQIA+, a intolerância religiosa entre outras questões cujas consequências a essa falta de discussão acarreta muitas vezes em violência, situações

constrangedoras e até mesmo morte. Aos que acham que nossas palavras podem conter certa dose de exagero, os registros históricos evidenciam essa realidade.

Podemos apenas citar os exemplos mais midiáticos como o assassinato de *George Floyd*⁷⁹ e João Alberto Silveira Freitas⁸⁰. Isso sem falar de várias pesquisas que apontam entre outras coisas, que a grande parcela das mortes ocorridas nesse tipo de situação de abordagem é de pessoas negras.

É de nosso atendimento que a ausência desses conteúdos nos materiais didáticos produzidos com a relevância do estado é uma falta de todo processo educacional e que este falha ao não promover esse tipo de discussão, que geralmente fica voltada mais para o dia da consciência negra e alguns adendos de materiais produzidos muito mais pela pressão exercida pela Lei 11.645/2008 que assim diz em seu artigo 26-A: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”⁸¹.

As dificuldades para execução deste trabalho foram muitas. Desde a pandemia do novo corona vírus que acarretou praticamente em um estado de sítio, que parou muitos setores de nossa sociedade por mais de um ano e seis meses, para nós, principalmente a educação, que não nos permitiu colocar em prática a nossa proposta inicial de pesquisa e produção, além de nos afastar dos nossos discentes.

O fechamento de acervos, bibliotecas, núcleos de pesquisa e outros lugares de suma importância para pesquisadores, devido a essa crise mundial, com certeza nos afetou bastante também. Isso além do sentimento de pesar pelo qual todos passamos pelos mais de cinco milhões de mortos pelo mundo, sendo mais de seiscentos mil brasileiros e mais de treze mil mato-grossenses até a presente data.

⁷⁹ Foi um afro-americano assassinado em Minneapolis no dia 25 de maio de 2020, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado. Sua agonia foi gravada onde ele por varias vezes afirmava não estar conseguindo respirar sem causar nenhuma comoção a seu algoz.

⁸⁰ Foi um afro-brasileiro espancado e assassinado pelas às mãos de seguranças de uma loja da rede Carrefour, localizada no bairro Passo d'Areia, zona norte da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, na noite de 19 de novembro de 2020. Sua morte causou uma grande comoção e gerou vários protestos antirraciais em várias partes do país.

⁸¹Lei Federal nº11.645/2008.<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em 2 ago 2021.

Por mais que esta pandemia não apresente números de mortes tão expressivos com outras pandemias históricas como a peste negra e a gripe espanhola, porém cada perda foi extremamente significativa. Após a volta as aulas em ensino híbrido (parte remota e parte presencial com número bem reduzido de alunos), foi possível conviver com pessoas que tiveram perdas. Colegas de nossa unidade escolar perderam entes queridos, além de vários professores e membros do corpo escolar que infelizmente se foram devido ao Covid 19.

Com o adendo das vacinas, foi possível atenuar e muito o número de novos infectados e principalmente o de mortes. Vivemos para ver tempos de negação à ciência e ataques a ela, as universidades, a perda de incentivos financeiros aos trabalhos pesquisa que poderiam ter contribuído para que essa situação não se alastrasse por tanto tempo. Parece que muitos esqueceram o quanto ela contribuiu para a nossa sociedade e o quanto os cientistas contribuíram para desenvolver técnicas, meios e produtos que salvaram e continua salvando vidas mundo afora.

Devemos considerar esses eventos como parte de nossa experiência, porém sem nunca deixar de lembrar aqueles que não tiveram a oportunidade de se vacinar ou de que partiram devido a essa pandemia que com certeza assim como outras, deixará um legado a humanidade e é de nosso profundo desejo que a humanidade aprenda com seus erros e através dele, permita que em novas situações como essa, estejamos melhor preparados para enfrentamos situações análogas a elas.

Apesar das dificuldades, entendemos que foi possível desenvolver nossa pesquisa da melhor maneira possível, com o material que tínhamos a disposição. Acreditamos que a nossa busca aos pracinhas negros nos livros didáticos permitirá que novas evidências a falta de material temático a combater o racismo e da uma maior visibilidade ao que os pracinhas fizeram, permitindo combater o desconhecimento da participação brasileira na Segunda guerra mundial.

Conclui-se que a pouca evidência aos pracinhas negros nos livros didáticos é de fato uma contribuição para que a memória dos ex-soldados negros da FEB perca um poderoso meio de difundir a história de uma de nossas forças expedicionárias mais emblemáticas, além de contribuir para que o racismo permeie em nossa sociedade visto que não mostra os ex-combatentes afrodescendentes de uma forma com que crianças negras possam neles se inspirar e se sentir representadas.

Nossa busca nos livros didáticos não encontrou praticamente nenhuma referência aos soldados negros na FEB na Segunda Guerra Mundial, algo não muito surpreendente visto que encontramos poucos registros a respeito, a nosso ver insuficientes a ela própria. Os poucos vestígios dos soldados negros encontrados são de fotografias que não os destacam como combatentes afrodescendentes que fizeram parte de um corpo expedicionário multiétnico neste conflito mundial, indo na contramão das principais forças ao não segregar seus soldados pretos.

Acreditamos que o aprofundamento sobre os soldados negros nos livros didáticos, poderiam despertar a curiosidade e o interesse dos alunos, em especial dos alunos afrodescendentes.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Sandro Ambrósio. Patrimônio Histórico e Cultural de Rondonópolis-MT: Orientações Didáticas no Ensino de História. Dissertação defendida no Mestrado Profissional de História, Universidade Federal de Mato Grosso, 2018.

APOLINÁRIO, Raquel Maria – Projeto Araribá, 4ª edição, editora Moderna, 2014.

AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. História em movimento. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.

BARONE, João. 1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira, 2013.

BARROS, José D'Assunção. O projeto de pesquisa em História. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas. In: O ensino de história e a criação do fato.1990.

BRAICK, Patrícia Ramos, Estudar história: das origens do homem à era digital: manual do professor / Patrícia Ramos, Braick, Anna Barreto, 3. ed., São Paulo. Editora: Moderna, 2018.

CAMPOS, Flavio de História: Escola e democracia, Flavio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff. 1. ed., São Paulo, Editora: Moderna, 2018. (História: escola e democracia)

CLÁUDIA, Ana. Araribá mais: História. 9º ano -1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

COLTRIM, Gilberto. Historiar, 9º ano: ensino fundamental, anos finais/ Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues, 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

_____. História Global 3 / Gilberto Coltrin, 3. Ed. São Paulo. Editora: Saraiva. 2016.

COSTA, Helton. Confissões do Front: Soldados do Mato Grosso do Sul na II Guerra Mundial. Dourados, Editora: Arandu, 2012.

GUIMARÃES, Selva. Didática e prática de ensino de História Experiências, reflexões e aprendizados/Selva Guimarães. 13ª ed. Ver. E ampli. Campinas, SP; Papirus, 2012 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FAUSTO, Boris, História do Brasil / Boris Fausto. 12. Ed., 1. Reimpr. São Paulo: Editora de São Paulo, 2006. (Didática, 1).

MANDELA, N. Long walk to freedom: The autobiography of Nelson Mandela. Nova Iorque: Little Brown and Company, 1994.

NABUCO, Joaquim, O abolicionismo. São Paulo: Publifolha, 2000.

OJEDA, Caroline Martins, Da Glória ao esquecimento: A reintegração social dos veteranos de guerra da FEB em Mato Grosso. 2016.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. Estudos Afro-Asiáticos, Vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro.

RIGONI , Carmen Lúcia. "La Forza di Spedizione Brasiliana" (Feb) - Memória e História: Marcos na monumentalística italiana. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2003.

RIBEIRO, Renilson Rosa. O negro em folhas Brancas Ensaio sobre as imagens do negro nos livros didáticos de História do Brasil (últimas décadas do século XX), Renilson Rosa Ribeiro, Marion Escorsi Valério, Gláucia Cristina C. Fraccaro, 1 ed. Curitiba, Appris, 2019.

RÜSEN, Jorn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. In: História da Historiografia. Nº2, março de 2009.

SANTOS, Neusa Souza "Tornar-se negro"- As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social (Ed. Graal, RJ-1983) de Neusa Santos Souza (1948-2008).

SAVIAN, Elonir José. "A FEB pelos pracinhas" percepções de militares de baixo grau hierárquico acerca da participação brasileira na segunda guerra mundial, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e Heloisa Murgel Starling, Brasil: uma biografia, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. A FEB por um soldado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SOUZA, Maria de Lourdes Conceição de. O Palácio da Instrução E O Patrimônio Histórico de Cuiabá-MT: Cidade, Territorialidade e Educação Patrimonial. Dissertação defendida no Mestrado Profissional de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

VAINFAS, Ronaldo, História 3: ensino médio. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

VAINFAS, Ronaldo, História.doc. 9º ano 2ª ed. São Paulo: Editora: Saraiva. 2018.

VICENTINO, Cláudio, Olhares da História: Brasil e mundo / Cláudio Saverio Lavorato Junior. 1. ed., São Paulo: Scipione, 2016.

VICENTINO, Cláudio. História geral e do Brasil / Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo, 2. ed. São Paulo: Scipione, 2013.

MAZUI, Guilherme. <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml> >. Acessada no dia 03 de Dezembro de 2020.

Paiva, Luiz Eduardo Rocha, <https://velhogeneral.com.br/2020/03/22/feb-feitos-e-valores-legado-para-o-exercito-e-o-brasil-de-hoje>. Acesso em 22-06-2019. (Inscrições adicionadas pelo autor).

Hoje na segunda guerra mundial, <https://www.facebook.com/hojenasegundaguerramundial/photos/pcb.535088846639356/535088626639378>. Acessado em 25 de Março de 2021.

ACOBRAVAIFUMAR. <https://acobravaifumar.com/junho-de-1944-o-embarque-da-feb-para-a-italia/> acessado em 25 de Março de 2021.

GÜIGUER, Bruno. <http://almanaquemilitar.com/site/1944/07/16/16-de-julho-de-1944-tropas-da-feb-desembarcam-na-italia/> acessado em 25 de Março de 2021.

FRAZANI, Laiz. FEB entra em combate na Segunda Guerra mundial/
<https://cliohistoriaeliteratura.com/2019/09/15/feb-entra-em-combate-na-segunda-guerra-mundial/> acessado em 25 de Março de 2021.

Por quem a cobra fumou. <https://revistapesquisa.fapesp.br/por-quem-a-cobra-fumou>.
Acessada em 30/08/2021.

Site: <http://www.scipione.com.br/SitePages/autores.aspx?Autor=1290>. Acessado em 23 de junho de 2021

Enfermeiras Heroínas da FEB.

<https://henriquempfeeb.blogspot.com/2015/11/enfermeiras-heroinas-da-feb.html>

Acessado em 23 de junho de 2021.

LEI N° 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acessada no dia 02/08/2021.

MELLO, Fábio. Histórias de um campineiro centenário na 2ª Guerra.
<https://correio.rac.com.br/_conteudo/2019/10/campinas_e_rmc/870423-historias-de-um-campineiro-centenario-na-2-guerra.html>.

Acessado em 15 de Julho de 2020.

SOUZA, Jonas Soares de. Negros nas Forças Armadas. Disponível em: <http://www.campoecidade.com.br/edicao-57/negros-nas-forcas-armadas/> Acessado em 21/02/2017

FONTES

Entrevistas com ex-pracinhas Mato-grossenses

Agostinho Gonçalves da Mota – veterano da FEB - realizada por Caroline Martins Ojeda, no dia 09 de agosto 2014, em Campo Grande – MT;

Aleixo Marcelo de Campos – veterano da FEB - realizada por Caroline Martins Ojeda, dia 28 de setembro, em Várzea Grande – MT;

Antônio Abdon – veterano da FEB – realizada por Caroline Martins Ojeda e Renato Renan Santos, no dia 01 junho de 2013, em Rosário Oeste – MT;

Gabriel Ferreira de Jesus – veterano da FEB – realizada por Caroline Martins Ojeda, no dia 21 de setembro, em Várzea Grande – MT;

Manuel Aniceto – veterano da FEB – realizada por Caroline Martins Ojeda, dia 05 de novembro, Cuiabá – MT;

Zeferino Santana Ribeiro - veterano da FEB – realizada por Caroline Martins Ojeda e Renato Renan Santos, no dia 08 junho de 2013, em Cuiabá – MT;

Zeferino Santana Ribeiro - veterano da FEB - realizada por Caroline Martins Ojeda, dia 05 de novembro de 2013, em Cuiabá – MT>